



ESCOLA SUPERIOR
DE **COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Representação de menores de idade em ambientes de violência no Primeiro Jornal da SIC

Inês Filipa Manuel Pinto

Relatório de estágio submetido como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em
Jornalismo

Trabalho realizado sob a orientação do Professor Adjunto Convidado na Escola Superior de
Comunicação Social, Dr. Paulo Moura

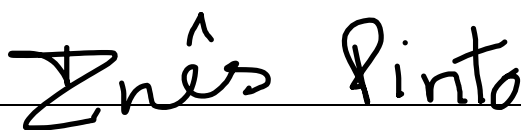
Lisboa, Outubro 2022

Declaração anti plágio

Declaro que este trabalho é da minha autoria, sendo uma das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo. É um trabalho original, que nunca foi submetido a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou qualquer outra habilitação. Certifico ainda que todas as citações estão devidamente identificadas. Tenho também consciência de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho agora apresentado.

Outubro 2022

A candidata

A horizontal line is drawn across the page below the signature.

Agradecimentos

Esta primeira parte do trabalho é bastante importante para demonstrar a gratidão que sinto a todos os que serão mencionados, pois apesar de este trabalho ser de autoria individual, o mesmo e todo o percurso acadêmico não se faziam sozinhos sem a companhia e apoio de quem me ajudou.

Primeiramente queria agradecer aos meus pais que embora não tenham seguido os estudos foram sempre os primeiros a incentivarem-me a seguir os meus sonhos e a continuar a estudar ajudando-me em tudo o que necessitava. Sem eles não teria conseguido chegar onde estou hoje.

De igual forma agradeço à minha avó Helena, que foi como uma segunda mãe para mim e em conjunto com os meus pais auxiliou-me em tudo o que podia ao longo da vida pessoal e académica, a quem devo uma grande estima e admiração.

Também meus avós maternos e tio Joaquim que sempre foram um grande apoio, mas somente conseguiram acompanhar-me durante o início desta minha caminhada pela carreira dos meus sonhos, um agradecimento em especial a vocês que acredito que continuarão a olhar por mim e a orgulharem-se todos os dias.

Um agradecimento especial ao meu namorado, Ricardo, pela sua disponibilidade constante em ajudar-me em tudo o que conseguisse, à paciência, compreensão, apoio e amor que nunca me faltaram. Obrigada pelo apoio e por nunca duidares das minhas capacidades.

Às minhas amigas que me aturam em alturas de stress devido à universidade, mas sempre compreensivas e constantemente felizes e presentes para celebrar as minhas conquistas académicas.

À Matilde, a amizade que fiz durante a licenciatura e trouxe para o mestrado, obrigado pelo apoio, ajuda quando andava perdida no meio de trabalhos e principalmente pela amizade ao longo dos anos.

Aos meus colegas e amigos de estágio com quem partilhei horas de aprendizagem e experiência no meio do jornalismo, obrigada pela ajuda e apoio mútuos e por me mostrarem que

não é só rivalidade neste ramo. Obrigada a vocês Carolina, Pedro, Iria, Miguel, Joana, Inês, Hugo, Gabriel, Estela e Mara.

À SIC e aos profissionais da estação televisiva na parte de informação com quem tive o prazer e privilégio de trabalhar durante cinco meses de estágio. Um agradecimento em especial à Ana Marisa Silva, André Antunes, Paula Mesquita Lopes, Joana Latino e Gonçalo Giestas por me terem auxiliado sempre que precisei e igualmente por me fazerem sentir parte da equipa.

Aos jornalistas da SIC Diogo Martins e Marta Sobral que me ajudaram nesta investigação não só a observar o seu trabalho como também ao concederem-me a confiança de responderem às perguntas que necessitava para o desenvolvimento desta investigação.

E por fim, ao meu orientador, Paulo Moura, pela orientação e apoio prestado até ao último minuto.

Resumo

O presente estudo foi realizado com o principal objetivo de verificar como são representados os menores de idade nos media através de peças jornalísticas, principalmente os que se encontram em ambientes de violência.

A partir desta pesquisa pretende-se verificar se essa representação se encontra bem feita e o que pode ou não ser publicado acerca deste grupo mais vulnerável.

Para esse efeito foi aplicada uma análise de conteúdo ao noticiário da hora de almoço da estação de televisão SIC, para através da mesma ser possível verificar os pontos referidos anteriormente e descobrir que perfil de menores são expostos nos conteúdos jornalísticos e a quantidade de peças jornalísticas avançadas sobre esta faixa etária.

Palavras-chave: media, menores de idade, violência, conteúdos jornalísticos.

Abstract

The aim of this study, is to verify the way minors are represented in journalistic content through the media, especially the minors who are in violent situations.

With this investigation the goal is to check if representation made about the minors is well done from the work of the journalists themselves and what really can be published about this age group. For that to be studied it was applied a content analysis to the news from the television station of SIC, a Portuguese news channel, in order to verify the point mentioned above and discover what type of minors are being exposed in journalistic content and the amount of news and other content are being published about this age group.

Keywords: media, minors, violence, journalistic content

Índice

Declaração anti plágio.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Resumo	v
Abstract.....	vi
Introdução	9
Capítulo 1 - Estágio.....	12
1.1 - História da SIC	12
1.2 – Diário do estagiário.....	14
1.2.1- A escolha da SIC para realização do estágio	14
1.2.2 – Calendarização (tempo de estágio).....	14
1.2.3 – Primeiro contacto com a instituição	14
1.2.4 – Primeiros dias de trabalho e rotinas.....	15
1.2.5 – Edições	17
Retrospectiva.....	22
Capítulo 2 – Menores de idade em peças jornalísticas	23
2.1- Menores de idade	23
2.1.1 – Agenda-setting.....	25
2.1.2 - A televisão e os jornalistas	26
2.1.3 - Direitos dos menores de idade e presença dos mesmos em notícias	28
2.2 – Violência	32
2.2.1 – Definição e os vários tipos de violência	32
2.2.2 – Tipos de violência (tipos de violência com menores).....	33
Capítulo 3 - Metodologia.....	37
Capítulo 4 – Corpus de análise.....	43
Gráfico 1.....	46
Gráfico 2.....	47
Ilustração 1.....	52
Gráfico 3.....	53
Gráfico 4.....	54
Conclusão	57
Referências Bibliográficas.....	61
ANEXOS	64
Anexo 1- Avaliação do estágio	65
Anexo 2- Grelha de análise de conteúdos do Primeiro Jornal do mês de março.....	67
Anexo 3 - Grelha de análise de conteúdos do Primeiro Jornal do mês de abril	70
Anexo 4 - Grelha de análise de conteúdos do Primeiro Jornal do mês de maio	72

Anexo 5 - Grelha de análise de conteúdos do Primeiro Jornal do mês de junho.....	76
Anexo 6 – Entrevistas	80
Entrevista nº1 – Diogo Martins – jornalista SIC	80
Entrevista nº2 – Marta Sobral – Jornalista SIC.....	82

Introdução

O presente relatório reflete sobre o trabalho desenvolvido no âmbito do estágio académico do Mestrado de Jornalismo da Escola Superior de Comunicação Social do Politécnico de Lisboa. O estágio foi realizado na redação de informação da Sociedade Independente de Comunicação entre as datas 31 de janeiro e 30 de junho do 2022.

Este relatório pretende abordar a forma como são representados os menores de idade em peças jornalísticas, porém para a observação de situações em que as crianças estivessem expostas de forma mais negativa e prejudicial para a sua vida pessoal decidi focar-me também à resposta da pergunta “Como são retratados os menores de idade em ambientes de violência em peças jornalísticas?”.

Nesse sentido, o meu trabalho teve como início um apanhado sobre os estudos já existentes sobre este tema, que por sinal não são muitos, e em seguida um planeamento sobre o que seria estudado durante o período de estágio na SIC, foi nesta primeira altura que também foi reformulado a pergunta de partida do estudo. Mesmo sem saber o que se iria passar primeiros meses de estágio, a Guerra.

Em seguida foi pensado em como seria analisado o que se precisava de saber e por isso ficou definido que seria analisado o Primeiro Jornal, noticiário da hora de almoço da SIC, e dessa maneira verificar a forma em como são representados as crianças e jovens nas peças jornalísticas, ou seja, a quantidade, os temas em que estão inseridos, que imagens são utilizadas e se os intervenientes têm voz nestas peças, sendo que são menores de idade.

O interesse na temática vem do facto dos meios de comunicação, mais concretamente da televisão, terem um grande impacto na informação e chegada da mesma à população e a faixa etária dos menores de idade ser considerada uma das mais vulneráveis e protegida a nível legal.

A retratação de menores de idade é um tema delicado, tanto face à lei também de outras pessoas responsáveis por tratar deles ou divulgar informação, como é o papel dos jornalistas. A retratação deste grupo é então uma das mais desafiantes a trabalhar, pois esta é uma faixa etária com várias restrições e vulnerabilidades não só para o próprio menor de idade como também para o jornalista a trabalhar uma notícia que envolva alguém desse grupo. Uma falha ou desrespeito dos direitos pode fazer com que o responsável pelo tratamento da informação, pertencente a um menor ou que envolva um menor, possa vir a enfrentar consequências judiciais, pois tal como já mencionado este é dos grupos mais frágeis a ser retratado pelos meios de comunicação.

Daí o interesse de verificar como se desenvolvem trabalhos jornalísticos em que a personagem da história esteja mais protegida, ou deve estar mais protegida, de leis, como é feita a abordagem dos mesmos e se se está a fazer da forma correta.

Desde início que uma das características da escolha deste tema para desenvolver o trabalho foi delineado pela dificuldade em encontrar estudos focados nesta temática em específico.

Por esse motivo diria que a principal dificuldade no desenvolvimento deste estudo foi exatamente a escassez de estudos focados na temática da representação de menores em notícias, para além disso e os poucos estudos encontrados são praticamente sempre dos mesmos autores, não existe muita variedade nesta temática em questão. No entanto, apesar da escassez bibliográfica que pode ter limitado um pouco este trabalho não existiram muitas mais dificuldades a restringirem o caminho desta investigação.

Quando se pensou tratar este assunto inicialmente foram várias as hipóteses colocadas para desenvolver o estudo à sua volta, por esse motivo e para ficar com uma ideia e pergunta específica à qual procuraria uma resposta através dos meios que decidi utilizar para obter informação relevante para este trabalho.

Para se conseguir realizar e organizar melhor a informação, decidiu-se dividir o relatório em quatro capítulos.

No capítulo 1 é feito um resumo da história do primeiro canal de televisão privado em Portugal, a SIC, instituição onde se realizou o estágio curricular. Nesta parte do trabalho é realizada uma investigação sobre o canal desde como surgiu, a sua evolução ao longo dos anos, as inovações que o mesmo trouxe ao mundo do jornalismo e também os vários canais temáticos que foram surgindo do canal principal. Está presente também neste primeiro capítulo uma descrição pormenorizada dos cinco meses de estágio incluindo rotinas e horários de trabalho, funções adquiridas nas diferentes edições, e trabalhos de destaque ou interesse para este estudo levantando algumas questões para o mesmo.

No capítulo 2 é feita uma introdução do tema, contanto com os vários conceitos abrangidos pela mesma. Começando pelo conceito de menores de idade e a presença dos mesmos no meio televisivo, mais concretamente nos noticiários. Em seguida é feita uma abordagem acerca dos direitos e deveres que devem ser seguidos pelos jornalistas para garantir um bom trabalho jornalístico e a segurança dos intervenientes das histórias. E por fim, ainda no mesmo capítulo aborda-se de igual forma o tema da violência, os tipos de violência existentes e a utilização da mesma para efeito do sensacionalismo.

No capítulo 3 é feita uma explicação sobre o tipo de metodologia utilizada neste estudo, passando por explicar o porquê da escolha deste método e no final deste capítulo faz-se o levantamento de informação recolhida através das entrevistas a jornalistas da SIC, para responder

a questões que surgiram não só com a pergunta de partida do estudo como também de hipóteses levantadas de acordo com a análise de dados das grelhas.

E por fim, no capítulo 4, é quando se elabora a análises de conteúdo, para a realização deste estudo foi efetuada uma análise ao conteúdo noticioso pertencente ao Primeiro Jornal, o noticiário da hora de almoço da SIC, durante quatro meses consecutivos, nas tabelas está presente a quantidade de peças jornalísticas em que estão presentes menores de idade, tenha a notícia a ver com os mesmo ou não, os títulos de cada peça, a altura de apresentação e o tipo de presença dos menores que aparecem.

Na conclusão retorna-se a fazer um apanhado do que foi feito ao longo desta investigação explicando a pertinência das escolhas efetuadas, os desafios enfrentados e também as conclusões a que se chegou com o estudo terminado.

Capítulo 1 - Estágio

1.1 - História da SIC

A história da SIC (Sociedade Independente de Comunicação) começa no dia 6 de outubro de 1992, o dia em que foi fundada, este foi o primeiro canal de televisão privado a surgir em Portugal.

A criação deste canal veio do facto de ter ganho um concurso aprovado pelo governo em 1991 para a criação de dois canais privados de televisão em Portugal, sendo um deles a SIC.

A SIC é um canal de televisão português privado que pertence ao maior grupo de comunicação social do país, o grupo Impresa, que foi fundado pelo ex-primeiro ministro, Francisco Pinto Balsemão, em 1972.

Francisco Pinto Balsemão foi também quem fez a apresentação da primeira transmissão do canal televisivo no dia 6 de outubro pelas 16h30. Essa primeira transmissão televisiva do canal teve uma audiência de cerca de milhão e cem mil espetadores.

De início as emissões televisivas tinham uma duração mais curta do que o que estamos habituados hoje em dia, tendo apenas 8 horas de emissão diária com início às 16h30, porém ao fim de semana a emissão era mais prolongada começando mais cedo, às 14h00.

Até à data, a RTP, era a única televisão a ser emitida em Portugal, mas com o aparecimento da SIC veio a ideia da independência na informação.

Mais tarde, em maio de 1995, apenas três anos após a fundação deste canal, a SIC passou a ser líder nas audiências devido à sua forte aposta em programas de informação, entretenimento, documentários e programas de ficção em língua portuguesa.

Depois em 1997 foi criada uma extensão da SIC com o objetivo de chegar à comunidade portuguesa residente noutros países, englobando assim os continentes da Europa, África e Estados Unidos da América.

No ano de 2001 a SIC lançou dois canais temáticos, esta foi a primeira vez a que algo deste género foi feito e apresentado em Portugal. Surgiu assim a SIC Notícias, o primeiro canal português dedicado exclusivamente à transmissão de informação vinte e quatro horas por dia e a SIC Radical, um canal destinado a um público mais jovem.

A SIC Notícias teve um papel bastante importante na ideia da concessão de notícias de forma mais imediata e constante através da televisão, depois desta começaram a surgir canais semelhantes na concorrência.

Ainda em 2001, a SIC estreou-se no meio digital. Foi criado nesse ano o primeiro site online do canal televisivo sendo este www.sic.pt, onde tinham presentes não só notícias e

informação como também conteúdo de entretenimento. Atualmente existem 2 sites, o www.sic.pt para entretenimento e o www.sicnoticias.pt para informação.

Em 2003, no Dia Internacional da Mulher, surgiu um novo canal temático com o nome de SIC Mulher pensado especialmente em conteúdo de entretenimento que agradasse ao público feminino.

E neste momento a SIC conta oito canais no total, sendo estes a SIC generalista, SIC internacional, SIC Notícias, SIC Radical, SIC Mulher, SIC K, SIC Caras e SIC Internacional África.

Com todos os canais provenientes da SIC foi possível, em 2021, alcançar 12 países no total e serem considerados os canais mais vistos nesse ano dentro do grupo de canais portugueses. Segundo informações publicadas pela SIC.

Em 2019 houve uma nova mudança, não exatamente no canal, mas nas instalações dos jornalistas. Após 26 anos em Carnaxide, toda a parte de informação da SIC mudou-se para o novo edifício em Paço de Arcos sendo este agora a sede do grupo Impresa.

A redação do Jornal Expresso e da SIC, dois dos grandes meios de informação em Portugal, encontra-se agora unida no mesmo espaço. Os jornalistas do canal têm mais condições e espaço de trabalho neste novo edifício, mas o entretenimento permaneceu no antigo lugar dos estúdios, em Carnaxide.

No final do ano de 2020 durante a pandemia do Covid-19, a SIC apostou numa nova plataforma de streaming paga e com direito a conteúdos exclusivos com o nome de OPTO.

E não houve mais alterações significativas até à data de término deste estágio curricular.

Quanto à Direção de Informação da SIC, Emídio Rangel foi o primeiro diretor de informação da estação televisiva entre os anos de 1992 e 2001. Alcides Vieira seguiu as suas pisadas e ocupou o cargo entre 2001 e 2016.

E neste momento o Conselho Administração tem como presidente Francisco Pedro Balsemão, o Diretor de Informação é Ricardo Costa e os Diretores Adjuntos são José Gomes Ferreira e Bernardo Ferrão.

1.2 – Diário do estagiário

1.2.1- A escolha da SIC para realização do estágio

Uma das minhas primeiras opções de estágio foi a SIC, não só por ser um dos canais pelo qual consumo notícias como também ser uma estação televisiva de renome e uma vez que o objetivo do meu estudo era a verificação das várias formas do aparecimento de menores em conteúdos jornalísticos teria mais variáveis a analisar na televisão do que em qualquer outro meio.

Sendo o meu primeiro foco a análise das variáveis sobre o tema do aparecimento/representação de menores de idade em conteúdos noticiosos, na televisão teria novamente não só a informação a ser revelada como também questões acerca dos direitos de imagem e de som, tal como referido anteriormente.

Para este trabalho queria fazer uma análise sobre o assunto da participação de menores de idade em notícias, principalmente quando se trata de crimes e situações em que normalmente o menor tem de estar mais resguardado e por esse motivo saber até que ponto se podem revelar certas informações, imagem e som e se isso se está a realizar corretamente nas notícias televisivas portuguesas.

1.2.2 – Calendarização (tempo de estágio)

O estágio curricular teve início a 31 de janeiro e foi estipulado, quando fui selecionada, que teria a duração de 5 meses. Por esse motivo o último dia de estágio realizou-se a 30 de junho.

Dependendo das edições em que estivesse inserida o meu horário semanal ou diário iria alterando-se e todos os meses trabalharia um fim de semana.

1.2.3 – Primeiro contacto com a instituição

Dia 31 de janeiro pelas dez horas da manhã comecei uma aventura para a qual me tinha preparado em tantos anos de estudo, sabia que seria um desafio que iria puxar bastante de mim e me iria preparar para a vida profissional.

Reuni-me à entrada do edifício do Grupo Impresa com os outros três novos estagiários da mesma turma que eu e ali aguardamos pelos responsáveis dos Recursos Humanos que nos trariam os contratos de estágio para lermos e assinarmos se estivéssemos de acordo, assim o fizemos e a partir daí começou o nosso primeiro dia na SIC.

Esperamos pela gestora da redação, Ana Marisa Silva, que nos levou a conhecer as instalações e depois nos apresentou a dois estagiários que nos iriam resumir a sua rotina, pois como tinham sido as eleições havia muito poucos jornalistas a trabalhar nesse dia na redação.

Porém através da visita guiada pelas instalações consegui perceber um pouco das divisões existentes na redação, para um bom funcionamento da mesma. A redação encontra-se dividida por editorias e equipas, nas editorias temos Desporto, Economia, Sociedade, Cultura, Política e Internacional e nas equipas temos a equipa do Primeiro Jornal e Jornal da Noite, da SIC generalista, e Edição da Manhã, Edição do Meio Dia, Edição da Tarde e Edição da Noite, da SIC Notícias. Sendo que ainda existe uma parte da redação para a SIC Online.

1.2.4 – Primeiros dias de trabalho e rotinas

Comecei o estágio no dia 31 de janeiro, logo após as eleições e por esse motivo não havia quase jornalistas na redação uma vez que na noite anterior tinham estado a fazer uma emissão especial com a contagem de votos. Porém para mim não me parecia assim tão vazia, via muitas pessoas e um espaço amplo, mas nesse dia apenas estivemos a conhecer as instalações e a acompanhar o trabalho de outros estagiários que já lá estavam há 5 meses.

Dia 1 de Fevereiro, saí pela primeira vez a acompanhar uma jornalista, uma vez que no primeiro dia de estágio como não fizemos nada para além de conhecer as instalações, a gestora da redação deixou-me entregue a uma jornalista para acompanhar o seu trabalho e perceber a dinâmica do trabalho do seu trabalho ao longo do dia.

Neste dia, 1 de fevereiro, foi quando comecei a acompanhar jornalistas em campo para assim observar todo o processo do seu trabalho, a preparação dos diretos, a procura de entrevistados e a recolha de informação antes da chegada ao local e durante o seu tempo lá.

Sinto que as primeiras saídas foram as mais marcantes, no primeiro dia acompanhei a jornalista Marta Sobral no aeroporto de Lisboa. No local acompanhei de perto a recolha de informação, ajudei a fazer os testes de som para os diretos e a encontrar pessoas que estivessem a chegar de países de fora da Europa para fazermos algumas entrevistas tanto para o direto como também para uma peça que a jornalista iria montar assim que chegássemos à redação.

Ao todo a jornalista deve ter chegado a fazer cerca de 5 diretos para a SIC Notícias e mais 1 direto para o Primeiro Jornal. Em todas as pausas ia observando e ajudando a completar com informações que íamos recebendo sobre os certificados e a autorização da chegada de pessoas de certos países, porque tinha sido retirada a obrigatoriedade de se acompanhar de um certificado e fazer um teste de COVID-19 às pessoas que viajassem da Europa, mas a todos os outros que chegassem de outros países tinham de se fazer acompanhar de ambos.

No dia seguinte acompanhei o jornalista, Diogo Martins, no desenvolver de um julgamento sobre um lar de idosos ilegal no tribunal de Santarém. Neste dia tive a oportunidade de estar presente para presenciar os depoimentos das testemunhas e da réu.

Eu própria escrevi apontamentos sobre o que ia ouvindo e em conjunto com outros jornalistas descobri mais sobre o caso em questão, vi e ajudei os diretos do jornalista, tanto para a SIC Notícias como também para a segunda parte do Primeiro Jornal, e quando voltámos à redação tratámos da escrita da peça, que já não foi para o primeiro Jornal por já ser tarde, mas sim para possivelmente passar durante a tarde nas edições da SIC Notícias.

Também o acompanhamento do jornalista Diogo Torres fez imenso sentido, não estava entregue a segui-lo a ele nesse dia, mas como a sua peça estava relacionado com o meu tema de relatório de estágio pedi para fazer uma troca e acompanhar o mesmo na realização da mesma.

Fomos até uma escola secundária na Amadora, Escola Secundária Seomara da Costa Primo, para a realização de uma entrevista com o diretor da mesma e a recolha de algumas imagens. No momento em que já nos encontrávamos com o repórter de imagem em campo observei o que o jornalista pedia de imagens ao mesmo e como os dois tentavam chega a um consenso do que valeria como imagem. Fui colocando algumas perguntas não só ao jornalista como também ao repórter de imagem sobre o que poderiam mostrar tendo em conta que a maioria, se não todos, os estudantes daquela escola seriam menores e explicaram-me que só era possível a captação de imagem dos jovens no perímetro escolar estando nós, jornalistas e operador de imagem, fora do recinto. Ou seja, era permitido mostrar os menores desde que nos mantivéssemos do lado de fora das grades da escola.

Porém o operador de imagem efetuou a maior parte das gravações com planos em que apanhasse os alunos de costas, os seus pés, cabeças a correr sem ser possível fazer o reconhecimento de ninguém e mostrou-me também que se quisesse outro plano em que se visse a interação dos menores uns com os outros de forma mais natural que fazia o desfoque de imagem, para que nunca se pudesse dessa forma identificar um menor em específico ou um grupo em questão.

Esta saída mostrou-se também muito enriquecedora, uma vez que, ao abordar o tema da imagem dos jovens foi a primeira vez em que tive contacto direto com o tema e trabalho de campo durante o meu estágio. A partir deste momento comecei a formular melhor o trabalho e a saber o que procurar ou justificações em alguns tipos de imagem.

Infelizmente só observei mesmo a forma como se fazia a captação de imagem e soube as perguntas que o jornalista tencionava trazer ao diretor, embora depois não tenha sido possível fazer-se a entrevista, e então a peça acaba por sair na mesma só que sem as declarações do diretor da própria escola em questão.

1.2.5 – Edições

Edição do Meio-dia e Opinião Pública

Depois destas três experiências mais marcantes e exigentes, a nível do ritmo de trabalho e a conviver com situações a que não estava tão acostumada e também acerca do meu tema de trabalho, mudei por mudar de rumo no meu estágio.

Foi uma mudança que não estava planeada, porém um estagiário desistiu e era necessário com alguma urgência que outro estagiário ocupasse o lugar desse estagiário desistente na edição do meio-dia, mais propriamente para a elaboração do segmento da Opinião Pública.

Eu já tinha acompanhado algumas vezes a estagiária que estava encarregue temporariamente desse cargo até a outra pessoa desistir definitivamente por pura curiosidade, mas após a desistência e o surgimento desta vaga na edição do meio-dia decidi mostrar-me para ter uma experiência diferente sobre o que se podia fazer na SIC.

O Opinião Pública é um segmento onde são apresentadas notícias sobre uma determinada temática atual e de relevância para um debate, após a passagem das peças são apresentados os convidados, especialistas na área, a debater sobre o assunto e após o pequeno debate entram em linha os vários telespetadores que queiram dar a sua opinião sobre o assunto e receber respostas dos especialistas presentes nesse dia.

Neste novo cargo o trabalho o que fazia não era exatamente o trabalho de uma jornalista, mas mais de telefonista, no entanto consegui ter uma perspectiva de como era o trabalho da receção, a preparação de convidados em estúdio e do trabalho na régie em simultâneo. Tudo num ritmo muito acelerado, sempre a correr de um lado para o outro e a trabalhar em modo automático no atendimento e seleção de chamadas para entrarem no programa.

Às 12 horas terminava o segmento da opinião pública e nesse momento eu voltava ao centro da régie para recolher os dados dos participantes e depois subir novamente à redação, porque agora o meu trabalho era passar a informação recolhida previamente sobre todos os participantes do dia. Na tabela, partilhada com a coordenadora da Edição do Meio dia e com os jornalistas dessa edição, era colocado o dia, o tema do dia em questão e depois os participantes e as suas informações pessoais. Este trabalho ajudava no processo de seleção feito previamente no momento do atendimento das chamadas e recolha dos dados pessoais, desta maneira não participam sempre as mesmas pessoas e se houver algum problema com a intervenção do selecionado o mesmo não volta a poder entrar em linha.

Através das poucas perguntas sobre os dados que se fazem antes da seleção por vezes não é possível perceber se a pessoa vai fazer uma intervenção coerente, ofender os presentes ou a

estabilidade da linha, no entanto é com essas respostas que tinha de trabalhar na minha seleção de participantes.

Não obstante, gostei bastante desta experiência, porque acabei por ter uma perspetiva diferente do trabalho feito por trás das câmaras e não só da criação de notícias.

Esta experiência não foi longa, pois a Guerra entre a Rússia e a Ucrânia começou e deixaram de fazer a opinião pública, por esse motivo inseri-me na equipa de edição do meio dia na mesma, só que agora a aprender a fazer blocos de imagens, *OFFs*, *Talking Heads*, edição de falsos diretos vindos dos enviados especiais da SIC na guerra.

Anteriormente ainda não tinha aprendido a fazer estas novas tarefas devido ao atraso na criação das nossas credenciais de acesso e ao facto de os computadores ainda estarem a voltar aos poucos à normalidade, devido ao ataque informático a que a SIC foi alvo no início do ano, ainda estavam a tentar instalar todos os programas necessários para o bom funcionamento da televisão e da criação do conteúdo informativo por parte de todos os jornalistas.

Foi nessa altura que tive acesso pela primeira vez aos programas e me comecei a familiarizar com as suas funcionalidades, mesmo ainda não tendo as minhas próprias credenciais, para conseguir trabalhar tinha que ter acesso aos programas através das contas de outros jornalistas.

Foi nesta altura que também pela primeira vez consegui fazer sozinha conteúdo jornalístico que iria passar na televisão, embora sob a supervisão de outros jornalistas aos quais mostrava sempre o meu trabalho antes de submeter, sendo que sempre que fosse para rever o meu conteúdo quem o fazia era ou coordenadora da edição, Paula Mesquita Lopes, ou as jornalistas Manuela e Tânia.

Ainda na Edição do Meio-dia e com a guerra a não acalmar, ao contrário do que esperava, fui selecionada para auxiliar na recolha de informação para as Últimas Horas, onde através de vários meios de comunicação, redes sociais, etc, recolhíamos e resumíamos a informação mais recente para estar e constante atualização e o telespetador estar dessa forma sempre informado sobre o que se estava a passar de momento na Guerra. Aqui liguei-me à edição da manhã para não se repetir a informação já dada e voltar a dizer o mesmo na mesma edição ainda e na do meio-dia. Neste novo segmento das Últimas Horas consegui comunicar com mais jornalistas que me foram explicando e ajudando a simplificar a informação para ser dessa forma transmitida com mais facilidade em televisão, a escrita é sempre feita a pensar na forma como se fala e dessa maneira tive de me formatar ao longo destes 5 meses. Foi-me muito útil esta ajuda por parte dos outros profissionais, pois veio a ser algo fundamental na minha escrita não só neste segmento como futuramente nas peças que vim a fazer.

Edição da Tarde

O trabalho na Edição da Tarde era semelhante ao da Edição do Meio Dia, por esse motivo já me sentia mais à vontade com o ritmo de trabalho e não me foi tão difícil de inserir na equipa e começar a desenvolver trabalho de forma mais autónoma.

Novamente, nesta edição, trabalha-se maioritariamente à base de diretos, falsos diretos, *Talking Heads*, *OFFs* e Blocos de imagens para ilustrar os *OFFs*, intercalados por peças que já tinham sido feitas e tinham ou não passado noutras edições.

Portanto o que se faz na edição da tarde é a junção de todas as informações consideradas importantes que foram apresentadas durante o dia na SIC Notícias, o material do Primeiro Jornal e outras edições, tal como mencionei anteriormente e, por fim, completa-se com notícias ou informação mais recente que esteja a chegar aos meios de comunicação.

O horário desta edição começava às 12 horas e terminava às 20 horas, para depois dar início ao Jornal da Noite na SIC Notícias e na SIC generalista em simultâneo.

Primeiro Jornal

Em abril comecei o meu percurso pelo Primeiro Jornal. Nesta altura tive de voltar a acompanhar jornalistas em campo para me preparar para o que iria começar a fazer sozinha.

Durante o tempo em que estive a fazer o Primeiro Jornal não tive um horário tão fixo como quando estava a fazer edições, mas costumava entrar por volta das 9 horas da manhã. Excepto dias em que precisasse de sair para gravações mais cedo, aí normalmente ligavam-me no dia anterior para estar preparada para o que teria de fazer e a que horas deveria chegar à redação para sair com o operador de câmara.

Este foi sem dúvida o maior desafio que tive de enfrentar durante o tempo em que estive na SIC e também foi onde senti uma carga maior de responsabilidade, não só pela transmissão no noticiário da hora de almoço como também em todas as saídas para a construção de uma peça era vista como uma cara da SIC ao qual não queria, nem podia, ficar mal vista ou deixar o próprio canal mal representado.

Estive então no Primeiro Jornal desde abril até ao final do meu estágio, 30 de Junho, porém houve alturas em que tive que me integrar noutras equipas pois estávamos demasiados estagiários ao mesmo tempo a trabalhar para o noticiário da hora de almoço e por vezes não havia trabalho que chegasse para tantos. Por esse motivo em algumas semanas fiz parte da edição da tarde e cheguei também a fazer uma semana de Jornal da Noite.

Foi também no Primeiro Jornal que comecei a trabalhar com mais ferramentas dentro dos programas usados na redação, o *Master* é o programa utilizado para a construção escritas das peças jornalísticas, o *Planning* é o local onde podemos ver no dia anterior o que faremos no dia seguinte caso tenhamos de sair em reportagem. E dentro do *Master*, que já utilizava antes para o trabalho das edições do Meio Dia e Tarde agora comecei também a trabalhar mais nos oráculos e frases que queria que passassem durante as minhas peças.

Ao longo do estágio, mas principalmente nesta última fase, fui-me apercebendo e tentando ambientar-me ao facto de os estagiários não terem lugar marcado na redação (tirando quando estão integrados nas edições da manhã, meio-dia, tarde ou noite). Por esse motivo todos os dias quando chegava à redação tinha de ver quais eram os jornalistas que não estariam a trabalhar nesse dia para dessa maneira ficar a trabalhar no lugar deles sem incomodar ninguém, ou também em caso de ter de sair deixar as coisas nesse lugar para quando voltasse a ter a certeza que teria um lugar para escrever a peça mal chegasse e tivesse pouco tempo para trabalhar. Com o passar do tempo fui-me habituando, mas no início era muito confuso e assustador caso não houvesse lugares suficientes para todos os estagiários.

Na segunda semana em que estive na equipa do Primeiro Jornal, foi quando realmente me senti uma jornalista da SIC, pois foi nesta semana que comecei a sair sozinha para o terreno e fazer a parte escrita sozinha também, mas sempre com a revisão de algum jornalista mais antigo para que não saíssem erros.

As primeiras semanas foram mais complicadas, não me sentia confiante no meu trabalho e ainda tinha muitas dúvidas sobre a construção do conteúdo jornalístico de televisão. Mas com o passar do tempo, uma ou duas semanas mais tarde, já me sentia mais à vontade devido ao aperfeiçoamento do meu trabalho que sentia que progredia com o passar dos dias e experiências, e também por sentir de igual forma confiança por parte dos coordenadores que me entregavam as peças que teria de construir e os serviços para que teria de sair e trabalhar.

Foi num fim de semana que fiz a minha primeira reportagem sozinha, sai em gravações no dia 9 de abril e dia 10 entrei mais cedo para escrever a peça e encontrar um editor que tratasse da parte da edição comigo. A peça foi sobre uma ação voluntária para a limpeza do Rio Jamor em Queluz e eu acompanhei os voluntários entrevistando no final os mesmos.

Depois desta primeira experiência vieram muitas outras, mas realmente foi nos meses maio e junho que comecei a ter saídas mais recorrentes, praticamente todos os dias, das quais posso salientar a uma manifestação de Ucrânianos em Lisboa, uma reportagem sobre a abertura do submarino Barracuda, uma feira de emprego para os refugiados ucranianos em Portugal, a subida do preço das casas, o aumento dos combustíveis e a reportagem mais longa que fiz de cerca de 2/3 minutos sobre o museu Quake que ensina a população sobre o terramoto de 1755 e tem um

simulador do mesmo. Esta última foi a mais longa porque tinha muitas imagens importantes e muitas informações e entrevistas também e foi também a última reportagem a ser transmitida no Primeiro Jornal de dia 7 de maio.

A pressão que senti também ao realizar a peça sobre o submarino Barracuda foi de quase cortar a respiração, porque o submarino só estaria aberto durante aquele dia e a notícia tinha mesmo de ser dada no Primeiro Jornal, por isso não podia mesmo falhar nos horários. Cheguei tarde à redação e tive praticamente em cima do joelho, no final tive a sorte de estar uma dos jornalistas sêniores ainda na redação que me ajudou imenso a melhorar o texto até porque a mesma tinha estado em missão no Barracuda e então sentiu que tinha mesmo de me ajudar até pela sua experiência pessoal, depois de modificado o texto deu voz ao mesmo e corri para a edição, em poucos minutos conseguimos editar tudo e por fim consegui dar no final da segunda parte do Primeiro Jornal, foi um alívio e um orgulho ver que com todo o meu esforço o trabalho saiu bem e à hora esperada.

Foi também nesta edição que aconteceu um episódio caricato e que em tudo tem a ver com o meu trabalho. Saí para fazer uma peça para o Primeiro Jornal sobre uma feira de emprego para os ucranianos que tinham chegado a Portugal há pouco tempo, neste trabalho tive a dificuldade de conseguir comunicar com as pessoas, pois os cidadãos vindos da Ucrânia não sabiam português e pouco percebiam de inglês, a parte positiva é que esta feira tinha sido feita a pensar nisso mesmo e havia tradutores para cada cidadão que iria ser entrevistado, o que me facilitou bastante na comunicação e obtenção de entrevistas. Quando fui entrevistar uma das primeiras refugiadas à procura de emprego sugeriram-me que entrevistasse a senhora com a sua filha pequena ao colo, algo que não fazia grande sentido, aos meus olhos, uma vez que a reportagem em nada tinha a ver com crianças ou com a menina em questão. Mostrei que não me sentia confortável a explorar a reportagem dessa maneira e a senhora demonstrou que se sentia muito desconfortável para além da filha, mas mesmo dela falar para a televisão portuguesa e por esse motivo decidi escolher outra pessoa para entrevistar, alguém que se sentisse mais à vontade e continuar a não explorar as emoções através de crianças, quando a história podia perfeitamente ser transmitida de forma mais emocional (se assim a pessoa desejasse) da forma como conta a história. No entanto, este episódio fez-me pensar em algumas questões relacionadas com o aparecimento de menores mesmo quando o tema não é direcionado aos mesmos e desenvolvê-lo neste trabalho.

Por fim, nesta última etapa do estágio senti-me realizada por ver que melhorei imenso ao longo dos meses que estive na SIC, com certeza ainda com mais coisas a melhorar, mas foi através dos meus erros e procura de aprender a fazer melhor que fui aperfeiçoando o meu trabalho e sentindo-me cada vez mais segura e orgulhosa do que fazia e passava na televisão.

Retrospectiva

Em retrospectiva, o estágio teve altos e baixos, pontos fortes e fracos,

E por isso tenho de salientar que ao longo fui sentindo falta de acompanhamento. É muito complicado um jornalista estar disponível para auxiliar um estagiário até porque o trabalho de um jornalista é um pouco imprevisível, no entanto acho que poderia haver alguém responsável só pelos estagiários para conseguirmos aprender tudo e sem termos de estar constantemente a guiarmo-nos por outros estagiários, o que pode fazer com que todos acabemos por cometer os mesmos erros.

A falta de *feedback*, ao longo dos meses procurei ter sempre um *feedback* dos meus trabalhos, mas raramente conseguia uma resposta acerca do que tinha feito.

Os estagiários não poderem dar voz e assinar as peças da sua autoria, tive a ajuda de uma jornalista para preparar a dicção, mas depois disso mais ninguém se mostrou disponível para me ajudar e quando tentei fazê-lo por iniciativa própria fui criticado porque supostamente os estagiários não deveriam dar voz, não é regra, mas somos bastante criticados quando o fazemos e também não podemos assinar o nosso próprio trabalho o que na minha opinião o descredibiliza.

No entanto, e não obstante ao que foi referido anteriormente, estes cinco meses foram sem dúvida das experiências mais enriquecedoras que já experienciei na minha vida, no final do estágio sentia-me completamente preparada para trabalhar na televisão através de todas as bases que adquiri na SIC, foi um desafio mas compensou de todas as maneiras. Aprendi diariamente através de trabalhos reais e de erros reais o que realmente se quer na televisão e nas notícias, a minha escrita com o passar dos meses foi ficando cada vez mais simples, pois era algo que me diziam sempre muito, para simplificar ao máximo e para explicar como se fosse para alguém que não fazia ideia do que eu estava a falar. Pequenas coisas que às vezes não damos conta, mas são essenciais nesta fase inicial e revolucionam o nosso futuro trabalho.

Entre no estágio a saber que queria seguir jornalismo e saí do mesmo com a certeza que é a fazer este trabalho que sou feliz.

Sinto-me muito grata pela oportunidade que tive em poder estagiar numa estação televisiva como a SIC e por todos os ensinamentos que trouxe de todas as experiências que lá vivi.

Capítulo 2 – Menores de idade em peças jornalísticas

2.1- Menores de idade

Existem estudos por todo o mundo acerca da presença de crianças e jovens em notícias, mas em Portugal estes são escassos.

O estudo de Cristina Ponte sobre este tema foi pioneiro no país, nesse estudo a investigação decorreu através da análise da cobertura de crianças até aos 14 anos e problemáticas da infância publicadas pelo jornal Diário de Notícias durante 30 anos, entre os anos 1970 e 2000.

No estudo a autora constata que a forma como as notícias, tendo crianças como personagem principal, foram-se modificando ao longo dos anos, uma vez que no ano de 1970, ainda em ditadura, as notícias sobre crianças não tinham visibilidade expressiva, este tipo de notícias não era visto como um problema de interesse público em Portugal. (Marôpo & Pacheco, 2016).

Esta era a realidade a ser vivida no país até porque antigamente, antes e também durante a ditadura, as crianças eram vistas como adultos mais pequenos, pelo que se desconhecia ou sequer se falava dos direitos das crianças. Começavam a trabalhar cedo e seguiam as pisadas dos pais.

Mas esta realidade foi-se alterando, até porque nessa época apenas eram presentes crianças da realeza nas primeiras páginas e não se dava importância alguma aos direitos das crianças, tal como mencionado anteriormente. Hoje em dia a ideia de direitos na infância e das crianças já está mais presente de cada cidadão, já se sabe que as crianças têm tantos direitos quanto os adultos.

Portugal foi um país onde se conseguiu verificar as mudanças na perspetiva dos direitos das crianças e jovens, embora um pouco mais tarde em comparação com grande parte dos países europeus. (Sarmiento, M. 2009)

Por esse motivo atualmente a história já não é a mesma que há algumas décadas atrás, neste momento está cada vez mais presente na mente de qualquer cidadão português de que as crianças têm tantos ou mais direitos que os adultos, principalmente aos olhos dos meios de comunicação, que têm de ter cuidado no tratamento da sua informação.

“Em Portugal, as últimas décadas marcaram uma evolução muito favorável no que respeita à legislação que salvaguarda a promoção e proteção de crianças.” (Sarmiento, M. 2009)

Mas para chegarmos à fase das leis que protegem os menores de idade em relação aos media temos de começar por delinear esta faixa etária.

A definição desta faixa etária escolhidas para este estudo é, segundo o Artigo 2º presente no site oficial da UNICEF, considerado como criança, aos olhos da lei, pessoas com idades compreendidas entre os 0 e os 12 anos incompletos, e como adolescentes entre os 12 e os 18 anos de idade.

Os menores de idade são indivíduos cujas idades estão compreendidas entre os 0 e os 18 anos.

Esta definição publicada pela UNICEF vai de acordo com alguns autores que trabalham a população com a idade abaixo dos 18 anos, mas a definição deste grupo com outros nomes causa alguma discórdia entre os autores que já trabalharam temas com este mesmo grupo específico.

O termo “menores de idade” tem nele mesmo intrínseco outros dois conceitos, sendo estes a designação de “criança” e “jovem”.

Este termo (menor de idade) coloca em conjunto dois conceitos debatidos entre vários autores que trabalham com a população com idade abaixo dos 18 anos, neste grupo estão inseridas as crianças e os jovens, no entanto o conceito de jovens tem o alcance de idades até aos 24 e neste estudo só será avaliado o conteúdo transmitido de menores de 18 anos de idade.

Tal como referido anteriormente existe uma diferença na denominação do menor consoante a sua idade. As crianças são indivíduos cujas idades se encontram dentro dos 0 e os 12 anos de idade, depois vem a adolescência que consideram ser entre os 12 até aos 18 e por fim os jovens são indivíduos, que segundo a ONU, têm entre 15 e 24 anos.

A definição publicada pela UNICEF vai de acordo com alguns autores, mas é o termo “crianças” causa discórdia, pois há autores que consideram errado considerar “criança” até aos 18 anos de idade devido ao que está estipulado como menor de idade perante a lei portuguesa.

“Parece-me que vocês entenderam como criança o indivíduo até aos 18 anos, ou seja, o menor à luz da lei portuguesa. Tenho algumas dúvidas sobre a pertinência dessa delimitação estritamente jurídica. Penso que teria sido preferível selecionar a faixa dos 0 aos 14 anos, porque, assim, associávamos a infância a questão da escolaridade obrigatória e a uma certa condição e experiência escolares (marcadores estratégicos da infância).” (Carvalho & Ferreira, 2009 – Crianças e jovens em notícias)

Carvalho e Ferreira demonstram que pode existir um equívoco no que as pessoas podem considerar como criança porque nem todos os que têm a idade abaixo dos 18 anos são considerados crianças. Existe uma diferença entre criança e jovem, como já referido anteriormente, e mencionar um jovem de 15 ou 17 anos como sendo uma criança não está de todo correto, são ambos menores de idade mas não se integram no grupo de crianças, estes já estão na categoria de jovens. No entanto só a partir dos 18 anos são considerados adultos aos olhos da lei, logo este grupo dos 0 até atingirem os 18 anos têm os mesmos direitos por serem menores de idade.

Neste estudo os termos “criança” e “jovem” terão o mesmo peso, exceto o facto de no grupo dos jovens não contarem os jovens cujas idades sejam 18 anos ou ultrapassem esta mesma idade. Os dois conceitos e grupos serão tratados da mesma forma ao longo do estudo uma vez que, as regras e leis que os protegem dos medias são iguais.

2.1.1 – Agenda-setting

A teoria do agenda-setting (ou agendamento mediático) adequa-se a este estudo devido às suas propriedades.

O conceito/teoria do Agenda-setting entende-se por ser o papel desempenhado pelos meios de comunicação para definir o mundo ao dizer e destacar quais os assuntos mais importantes que se estão a passar de momento.

Maxwell McCombs e Donald L. Shaw são apontados como os fundadores da pesquisa deste conceito inspirados por Walter Lippmann autor do livro *Public Opinion*, em 1922.

Lippmann foi o primeiro a falar e destacar o papel desempenhado pelos meios de comunicação social ao definirem o mundo através da priorização de certos assuntos e notícias em relação a outros, para dessa maneira os meios de comunicação dizerem ao público quais os assuntos mais importantes a acontecer ao seu redor. Para este autor a população depende dos meios de comunicação para se informar sobre os assuntos, personalidades e situações para posteriormente experimentarem dessa maneira sentimentos de apoio ou de repulsa e para conhecer os pontos de atenção medidos pelas sondagens de opinião publica.

Foi através da teoria depois avançada pelos dois jovens professores McCombs e Shaw que há cerca de cinquenta anos o estudo sobre o agenda-setting entrou provar o que Lippmann tinha escrito.

A pesquisa de McCombs e Shaw sobre este tema foi colocada em prática nas eleições presidenciais dos Estados Unidos da América em 1968, na localidade de Chapell Hill, uma cidade pequena, isolada e conservadora na Carolina do Norte. Esta pesquisa foi utilizada para descobrir a relação entre a prioridade dos meios de comunicação em relação da prioridade do publico.

Para medir a agenda publica, McCombs e Shaw, basearam-se numa pesquisa de opinião onde colocaram uma pergunta aberta sobre os principais problemas nas eleições. Esta pergunta foi

feita a cerca de cem pessoas e o intuito era perceber a relação dos eleitores, a forma de cobrir um universo de posição económico-financeira, social e racial, dentro dos que se encontravam indecisos em votar entre Hubert Humprey e Richard Nixon. Após os questionários respondidos foi possível de se verificar que os meios de comunicação tinham provocado um grande impacto e influenciado significativamente os eleitores. Para além da influência dos meios de comunicação dos eleitores, foi possível de se verificar que os mesmos tiveram também um grande impacto e influencia nos candidatos, fazendo com que os mesmos alterassem as suas agendas e incluíssem temas que inicialmente não estavam planeados nem constavam com as suas preocupações. (Collins, 2001)

Ou seja, através da teoria e da pesquisa feita por estes dois autores foi comprovado que o agenda-setting é uma teoria extraverde importante não só para os meios de comunicação como também para a perspectiva do público e a formação da opinião pública.

Para este estudo em particular a teoria do agenda-setting mostrou-se essencial, uma vez que se pretende verificar a importância e destaque das notícias que envolvam crianças nas notícias portuguesas. Este destaque e importância é determinado não só pela essência da notícia em si própria como também com os valores de notícia, e por fim pela organização que o coordenador do noticiário decidir mais adequado e de importância.

2.1.2 - A televisão e os jornalistas

A televisão é, desde a sua criação, o meio com mais impacto e proximidade do público. E foi também nas notícias que a televisão ganhou uma grande proximidade entre o telespetador e os intervenientes das peças, uma vez que não só conta a história como mostra os factos, mostra a imagem, quem são os participantes da história, objetos, desperta sentimentos, entre outras coisas que nem na rádio, nem os jornais conseguem captar e transmitir à população.

A própria palavra televisão explica este fenómeno de aproximação do espetador, a palavra divide-se ao meio sendo “tele” do grego com o significado de distante e do latim “visione” com o significado de visão. Resultado na visão à distância oeste através da televisão que acompanhamos o que se passa, mesmo que esteja distante. É uma realidade trazida através deste meio de comunicação.

Este meio, já não tão recente pois atualmente temos outros por onde podemos obter informação, porém na altura foi inovador e ainda tem um poder significativo na forma como obtemos a informação hoje em dia.

Neste meio informativo da televisão reúne-se um conjunto de informação visual, auditiva, emocional e imediata, e é este conjunto de qualidades que faz com que ao todo a televisão consiga dar ao público o que outras plataformas não conseguem dar, e faz com que o público se sinta dentro das próprias histórias apresentadas de forma mais fácil e automática.

“Ao trazer as coisas para perto, espacialmente, temporalmente e emocionalmente, a televisão oferece re-mover o sujeito espetador – não no sentido de distanciamento informativo, mas precisamente pelo seu oposto, um colapso da distância e do tempo através da produção de uma proximidade afetiva” (Kafka, 2008, p.7).

No entanto, para além de este ser um fator que aproxima o telespetador da história é também aqui que os jornalistas podem enfrentar algumas restrições, nomeadamente na abordagem de temas em que estejam envolvidos grupos com mais limitações ou vulnerabilidades, como é o caso de estudo deste trabalho, os menores de idade.

O papel do jornalista passa então a ter ainda mais responsabilidades na sociedade da atualidade, nessa perspetiva.

De uma profissão à qual inicialmente apenas se regia pela exploração do conteúdo noticioso e a divulgação da mesma numa notícia, neste momento espera-se muito mais do trabalho do jornalista.

De dia para dia é esperado do trabalho do jornalista o rigor, a rapidez e o impacto. Uma peça onde exponha somente os factos do acontecimento já não se mostra suficiente atualmente, espera-se mais, espera-se uma peça estrondosa e que prenda a atenção de todos mesmo que não seja um acontecimento muito importante, pois é necessária uma conexão com quem está a assistir ao noticiário e também devido à constante competitividade com os canais da concorrência.

A proximidade entre o espetador e a informação transmitida pela televisão é possível de se constatar através de outras variantes, tal como o público ser mais ativo de forma social, ou seja, está cada vez mais presente na mente da população os direitos dos intervenientes tal como o direito à imagem, mas também os deveres dos media e dos jornalistas.

Para além das entidades reguladoras que se mantêm a par do conteúdo que é exposto diariamente, os cidadãos estão cada vez mais conscientes do que pode ou não ser divulgado e que exercer parte dos seus próprios direitos enquanto espetadores ao apresentarem queixa, caso o trabalho jornalístico esteja com sérios erros e falhas, para que, dessa maneira, sejam tomadas medidas de forma a que não se continue a desrespeitar os direitos ou as regras dos jornalismo.

Neste momento os jornalistas têm de ser especialmente minuciosos no seu trabalho, seja com qual for o tema de abordagem, para cumprirem a sua função de forma honrosa, respeitarem

as leis e os direitos de qualquer grupo a trabalhar. E, da mesma maneira, evitem vir a ter o seu nome e carreira manchados com algum erro ou incumprimento de lei graves.

O interesse pelo tema da retratação de menores de idade em peças jornalísticas está exatamente aqui presente, no sentido em que engloba imensas questões em torna deste grupo mais vulnerável, tais como por exemplo as restrições a que os jornalistas estão submetidos, até ao facto de esta faixa etária em questão estar especialmente protegida a nível jurídico.

Uma falha ou desrespeito aos direitos pode fazer com que o jornalista e o meio para o qual trabalha sejam penalizados, para além dos riscos que podem desenvolver-se de um mau trabalho jornalístico com esta faixa etária em específico.

A consciência dos direitos a que os menores têm direito fazem com que o público esteja especialmente mais atento ao trabalho que o jornalista pratica também, uma vez que pode fazer queixa se vir que infringe algum tipo de lei, tal como já foi referido.

2.1.3 - Direitos dos menores de idade e presença dos mesmos em notícias

Tal como anteriormente referido, a presença de crianças e menores em notícias não é uma novidade. No entanto, atualmente, este grupo encontra-se extremamente protegido através da lei.

As escolhas do que é apresentado, sobre os menores ou que tipo de participação os mesmos têm nas peças jornalísticas, são feitas pelos meios de comunicação, ou seja, ou pelo próprio jornalista ou mesmo o coordenador que tenha atribuído aquela peça ao jornalista em questão e lhe tenha dado sugestões sobre como a executar. Porém encontra-se tudo na mão do autor, do jornalista, que irá realizar a peça em questão.

Assumindo que é dessa maneira o jornalista é, portanto, o responsável pelo que a exposição daquele menor naquele momento exato lhe possa trazer no futuro, caso não cumpra os critérios que deve no que diz respeito aos direitos de menores e à ética dos jornalistas.

Mas porque são tão utilizadas as notícias que envolvam crianças?

Segundo Domingos Andrade “As crianças vendem. Vendem e consomem, e esta é a noção do mercado que está instalada (...) É claro isso, toca em todos os jornais, não há aqui jornais de referência ou populares, os jornais são todos iguais no que diz respeito a este olhar que têm sobre as crianças, sobre a nossa sociedade. São os maus-tratos, a violência sexual, a delinquência... as constantes do Risco Social.” (Domingos, 2009)

Não podemos ignorar o facto de que as crianças são o alvo fácil para atrair a atenção do público, são queridas e conseguem facilmente tornar uma peça jornalística mais leve ou mais pesada dependendo do conteúdo inicial.

Se se tratar de um tema como as férias escolares, a presença da criança ou jovem a falar sobre isso pode ser mais cômica ou ternurenta e se se tratar de um tema mais complicado como a violência a presença da criança é o suficiente para tornar a peça mais emocional e tocante ao telespetador, nesse sentido os menores de idade acabam por ser utilizados como adereços nas peças de forma a despertarem no público o que o jornalista pretende. Porém o jornalista não tem a função de despertar emoções.

O trabalho do jornalista rege-se pela divulgação de factos e informação de interesse público. Se a informação e a peça despertam emoções aos espetadores por estarem intrínsecas na história é uma coisa, se o jornalista propositadamente utiliza menores de idade e informação de forma a carregar a peça de forma a despertar emoções é outra.

Existem diferentes pontos de vista sobre esta forma de jornalismo, uns autores acreditam e dão aso à utilização do que for necessário para o despertar das emoções no público, o jornalismo das emoções. E outros autores acreditam que o único papel do jornalista é expor os factos, divulgar a notícia e dar a conhecer o que se está a passar à população sem que a mesma seja “manipulada” pelas suas emoções.

Os jornalistas entrevistados no âmbito deste estudo também concordam que a imagem do menor só deve ser utilizada se assim fizer sentido e só ser identificado com autorização dos encarregados de educação, se a peça em nada tiver a ver com a criança não deve de maneira alguma ser abordada ou explorado a sua imagem como meio de tornar o seu trabalho numa peça sensacionalista.

Mas existem casos e casos e a verdade é que o jornalismo em geral e o jornalismo televisivo estão cheios de exemplos de como não se deve abordar o tema sobre menores e como os mesmos não devem ser representados.

“O que os media têm feito é denunciar, alertar, esmiuçar o caso em específico, e depois sair de cena, correr o "palco" como se não fosse nada com eles, deixando o caso, as crianças, as famílias entregues ao estigma e ao abandono.

A prova de que os jornalistas, quando tratam destes casos, olham para a rapidez do acontecimento é esta avaliação do estudo que foi feito, que são sobretudo notícias.” (Domingos, 2009)

Este também é o problema a acrescentar e do que já tinha sido referido antes. Caso o jornalista exponha demasiado a história e os seus intervenientes numa situação mais vulnerável, porque embora este seja o dia a dia de um jornalista quem fica com a sua vida privada exposta é o menor e a família. Para além de expor a história em específico o jornalista devia tratar do assunto

com profissionalismo e sempre consciente de que aquela criança tem ainda uma vida pela frente que pode vir a ficar marcada pelo trabalho que a ele lhe pode ter ocupado apenas um dia.

O trabalho do jornalista é muito importante na denúncia, alerta de situações preocupantes e a expor as mesmas de igual forma, por esse motivo é que o trabalho do jornalista é um trabalho essencial na sociedade para que a população tenha noção do que se passa à sua volta e para que seja também participante, e ajude a denunciar certas situações.

De acordo com a lei qualquer pessoa que saiba de um menor a ser maltratado ou em situações mais fragilizadas pode, e deve, fazer queixa e alertar também os meios de comunicação, seja os mesmos tratem do caso em concreto ou de vários casos que tenham acontecido sem mencionar um em específico. De igual forma se um cidadão vir que o exercício do jornalismo está a ser mal praticado e a abusar na informação a ser partilhada pode fazer queixa dessa notícia, meio de comunicação ou jornalista, pois as informações sobre o exercício do jornalismo encontram-se publicadas no site da ERC onde se pode diretamente efetuar as queixas.

O trabalho com menores de idades mostra-se uma temática mais sensível em comparação com outros no mundo do jornalismo.

E para o tratamento de casos e informação pertencente a um ou mais menores de idade existem algumas leis e direitos dos menores a ter em conta, nesta fase

como por exemplo de acordo com o site da ERC, entidade reguladora de comunicação social, estão expostos no site para o esclarecimento de qualquer cidadão, jornalista ou não, as leis que protegem esta faixa etária dos 0 aos 18 anos de idade.

Para começar, as primeiras e principais disposições legais nacionais sobre os direitos dos menores encontram-se apresentadas na Constituição da República Portuguesa no artigo 26º, correspondendo respetivamente às leis nº1 e nº2.

Lei nº1: A todos são reconhecidos os direitos à identidade pessoal, ao desenvolvimento da personalidade, à capacidade civil, à cidadania, ao bom nome e reputação, à imagem, à palavra, à reserva da intimidade da vida privada e familiar e à proteção legal contra quaisquer formas de discriminação.

Lei nº2: A lei estabelecerá garantias efetivas contra a obtenção e utilização abusivas, ou contrárias à dignidade humana, de informações relativas às pessoas e famílias.

Passando agora às leis referentes à televisão, uma vez que este estudo se foca neste meio de comunicação. Estas leis encontram-se localizadas nos artigos 27º e 34º, da Lei da Televisão e dos Serviços Audiovisuais a Pedido.

No entanto só vamos analisar as leis presentes no artigo 27º, pois o 34º tem a ver com os operadores de televisão o que já não acresce tanta importância ao estudo.

Presente no artigo 27º estão as seguintes leis:

- 1- A programação televisiva deve respeitar a dignidade da pessoa humana e os direitos, liberdades e garantias fundamentais.
- 2 - Os serviços de programas televisivos não podem, através dos elementos de programação que difundam, incitar ao ódio racial, religioso, político ou gerado pela cor, origem étnica ou nacional, pelo sexo ou pela orientação sexual.
- 3 - Não é permitida a emissão de programas susceptíveis de prejudicar manifesta, séria e gravemente a livre formação da personalidade de crianças e adolescentes, designadamente os que contenham pornografia no serviço de programas de acesso não condicionado ou violência gratuita.
- 4 - Quaisquer outros programas susceptíveis de influírem de modo negativo na formação da personalidade das crianças ou de adolescentes devem ser acompanhados da difusão permanente de um identificativo visual apropriado e só podem ser transmitidos entre as 22 horas e 30 minutos e as 6 horas.
- 5 - A Entidade Reguladora para a Comunicação Social incentiva a elaboração pelos operadores de televisão de um sistema comum de classificação dos programas de televisão, que preveja um conjunto de sinais identificadores dos diferentes escalões etários em função dos conteúdos apresentados e que respeite, na exibição de obras cinematográficas e de videogramas, a classificação da comissão de classificação de espectáculos.
- 6 - Exceptuam-se do disposto nos n.º 4 e 5 as transmissões em serviços de programas televisivos de acesso condicionado.
- 7 - O disposto nos números anteriores abrange não só quaisquer elementos de programação, incluindo a publicidade e as mensagens, extractos ou imagens de autopromoção, como ainda serviços de teletexto.
- 8 - Os elementos de programação com as características a que se referem os n.ºs 3 e 4 podem ser transmitidos em quaisquer serviços noticiosos quando, revestindo importância jornalística, sejam apresentados com respeito pelas normas éticas da profissão e antecedidos de uma advertência sobre a sua natureza.
- 9 - A Entidade Reguladora para a Comunicação Social define e torna públicos os critérios seguidos para a avaliação do incumprimento do disposto nos n. 3 e 4, os quais devem ser objectivos, adequados, necessários e proporcionais às finalidades prosseguidas.
- 10 - Os operadores de televisão podem adoptar códigos de conduta que respondam às exigências contidas no presente artigo, ouvidos, no âmbito das suas atribuições, os respectivos conselhos de redacção.

Também no Estatuto do Jornalista dentro do Diário da República se encontra inserido no artigo 14º, ponto 2, as alíneas d) e g) referem-se especialmente a esta faixa etária a ser estudada e que os jornalistas devem seguir estas medidas para fazer um trabalho jornalístico, nestas alíneas está explícito que o jornalista deve “ d) Abster-se de recolher declarações ou imagens que atinjam a dignidade das pessoas através da exploração da sua vulnerabilidade psicológica, emocional ou física;” e “g) Não identificar, directa ou indirectamente, as vítimas de crimes contra a liberdade e autodeterminação sexual, contra a honra ou contra a reserva da vida privada até à audiência de julgamento, e para além dela, se o ofendido for menor de 16 anos, bem como os menores que tiverem sido objecto de medidas tutelares sancionatórias;”

No código deontológico do jornalista a alínea número oito refere também que o jornalista deve identificar, directa ou indirectamente, vítimas de crimes sexuais e de igual forma não deve também identificar menores, sejam eles fontes, testemunhas, vítimas ou autores que de atos que a lei qualifica como crime.

2.2 – Violência

2.2.1 – Definição e os vários tipos de violência

A violência é uma das problemáticas trabalhadas pela Organização Mundial da Saúde. O conceito de violência é definido então como sendo o uso intencional de força ou poder, sendo este real ou em forma de ameaça. Este uso de força pode ser praticado contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, com a finalidade ou possibilidade de resultar em forma de lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação de algo. (Krug, 2002)

Tal como já mencionado anteriormente existem vários tipos de violência, como a violência física, psicológica e sexual, comum a qualquer idade e depois existem tipos semelhantes de violência com características e definições mais direccionadas ao grupo de estudo deste trabalho, que serão mencionadas mais à frente.

Vamos começar com as definições dos tipos de violência que abrangem qualquer idade primeiro.

Primeiramente, a violência física é o uso de força contra si próprio ou outras pessoas, podendo causar ou tentar causar uma lesão não acidental. Ou seja, é uma forma de poder exercido

sobre outra pessoa como meio de a lesionar e também pode ter o objetivo com que pelo meio físico a pessoa com receio de voltar a ser agredida aja de acordo com o que o agressor quer. Esta violência pode ser praticada por meio de força física ou também por algum tipo de arma que possa provocar lesões internas, externas ou ambas.

Por outro lado, a violência psicológica é a ausência do uso de força física noutra pessoa, mas ao invés disso a utilização da força das palavras a serem direcionadas a outra pessoa como por exemplo insultos, humilhação em público ou privado, intimidação e ameaça.

Existe ainda o caso da violência sexual em que existem aspetos dos outros dois tipos de violência presentes neste em questão. Tal como por exemplo o uso de força para consumir o ato contra a própria vontade da pessoa, a violência verbal que leve a pessoa a sentir-se mais fragilizado ao ponto de o agressor conseguir abusar da mesma e o assédio sexual estando a vítima exposta ao toque indesejado e ao assédio sexual na forma verbalizada em que está constantemente exposta a comentários sexuais contra a sua vontade.

Na temática da violência estão ainda incluídos outros tipos de violência que conhecemos e não estão diretamente envolvidos com uma pessoa em específico, mas ao afetar um grande número de pessoas se tornar devera importante, tal como é o caso da guerra.

Dentro desta temática vão ser agora abordados os outros tipos de violência existentes estando estes diretamente direcionados à violência a menores de idade, pois existem tipos de violência específicos a este grupo.

2.2.2 – Tipos de violência (tipos de violência com menores)

Tal como referido anteriormente, existem vários tipos de violência especificamente direcionados ao grupo dos menores de idade, tais como por exemplo a violência física, a violência psicológica, a violência doméstica, igualmente existentes para outros grupos de idades, mas também a violência sexual, mais conhecida como pedofilia tendo em conta que o grupo em questão é menor, *o bullying*, *o cyberbullying*, a pornografia infantil, o tráfico de crianças e jovens, entre outros.

Neste trabalho vão ser identificados e também se vai verificar os vários tipos de violência em que as crianças podem estar submetidas e consequentemente representadas nas notícias portuguesas.

Começando pela violência física e psicológica, dois tipos de violência já antes definidos neste trabalho, e que mantêm a mesma definição, mas neste subcapítulo é importante de mencionar

que os menores podem sofrer destes tipos de violência através da violência doméstica sendo afetados direta ou indiretamente pela mesma.

O menor está indiretamente afetado por estar a ser submetido a assistir à violência entre os familiares, seja esta física ou verbalizada.

E acaba por ser diretamente afetado quando a mesma por consequência passa a ser alvo dos ataques.

Por outro lado, pode somente ser o menor a vítima principal desde o início sendo exposto a agressões consecutivas, ficando muitas vezes lesionado e, ou, sendo alvo de ameaças, humilhações e intimidações por parte de quem vive no mesmo seio familiar que o menor.

A violência sexual é qualquer ato sexual ou tentativa do mesmo contra a vontade de outra pessoa. No caso dos menores de idade, é geralmente praticado por pessoas mais velhas o que acaba por designar o ato como sendo pedofilia é na mesma o ato ou tentativa de abuso sexual, só que somente é aplicado a menores a serem atacados por pessoas maiores de idade.

“(…) alguém abaixo de 18 anos é abusado sexualmente quando uma ou mais pessoas, mais velhas, envolvem a criança ou adolescente em alguma atividade para obtenção de seu próprio prazer sexual. Pode envolver a relação sexual, o toque, a exposição de genitais e material pornográfico ou conversas com conteúdo sexual de forma erótica.” (Warburton, 2001)

A pornografia infantil é a representação de uma criança ou jovem envolvido em atividades sexuais explícitas reais ou simuladas, ou qualquer representação dos órgãos sexuais de um menor de idade para fins sexuais. Estas representações podem ser captadas em fotografia ou vídeo e publicadas.

E o tráfico de crianças e jovens pode estar de igual forma relacionado com os dois tipos de violência anteriormente referidos. Por tráfico de menores entende-se, segundo o instituto de apoio à criança, que é o recrutamento, transporte, ou acolhimento de menores contra a sua vontade recorrendo ao uso da força, rapto ou outras formas de coação para fins de exploração. É aqui que entram os outros dois tipos de violência mencionados, nas redes de tráfico por norma os menores acabam ou por ser vendidos e possivelmente sofrer abusos sexuais, nos quais muitas vezes o conteúdo é mais tarde descoberto através da polícia em sites de pornografia infantil. Para além dos abusos podem acabar em redes de exploração infantil onde trabalham por longos períodos de tempo sem qualquer remuneração, alimentação e qualidade de vida e também podem terminar por irem parar a redes de tráfico de órgãos onde efetuam a extração dos órgãos dos menores e efetuam a sua venda.

No meio escolar tornou-se cada vez mais conhecido o termo *bullying* para designar um comportamento de agressão intencional e nocivo de forma sistemática e repetitiva. Para Almeida (2006) *bullying* é sinónimo de perseguição e humilhação de alguém em idade escolar por parte de uma ou mais pessoas que utilizam o seu entendimento de poder para intimidar e rebaixar outro que considerem mais fraco.

O *bullying* pode de várias maneiras também, a violência física através várias formas de agressão, a violência verbal através de insultos, violência psicológica que através dos insultos tem o objetivo de destruir a auto-estima do outro e aumentar as inseguranças e por fim a violência social que através da propagação de mentiras ou suposições tem o objetivo de excluir a pessoa.

O *cyberbullying* acaba por ser uma extensão do *bullying* continuando o processo de agressão psicológica, ameaça e provocação de desconforto através de dispositivos tecnológicos, como por exemplo email, redes sociais, mensagens privadas nas redes sociais, mensagens de texto pelo telemóvel, etc. de forma igualmente repetitiva, tal como o *bullying*.

E para além de todos os tipos de violência já referidos, é de extrema importância terminar com a guerra.

Embora a guerra possa não estar diretamente direcionada à pessoa em questão acaba por afetar da mesma maneira e por esse motivo, e por neste momento termos uma guerra ativa no continente europeu que acaba por estar ligada com esta investigação é de máximo destaque esta última definição e o seu impacto no estudo.

A guerra é um conflito armado intenso que pode acontecer entre países, estados, governos, etc. A guerra é de forma geral caracterizada pela extrema violência, agressão, destruição e também mortalidade, diria até que é mais reconhecido especificamente pela destruição e mortalidade por serem dois fatores muito chocantes.

Na guerra não sofrem somente os que combatem, mas toda a população de alguma forma envolvida.

No caso da Ucrânia há uma vasta destruição das principais cidades do país, números muito elevados de mortalidade dos cidadãos residentes nelas, casos de violações e tortura e más condições de vida para quem decidiu permanecer no país. Por estarem ainda a sofrer constantes ataques russos existem várias localidades que não conseguem garantir a estabilidade da eletricidade, comida para os habitantes, entre outros bens necessários para uma vida de qualidade, tal como a segurança.

Para além desses problemas houve também inúmeros cidadãos, ou melhor, cidadãs ucranianas, a fugir do seu país acompanhadas pelos seus filhos menores, isto porque os homens não podiam abandonar a Ucrânia pois podiam vir a ser precisos para combater. Com esta crise de emigração forçada houve várias famílias que foram perdidas e afastadas e muitos menores que

atravessaram fronteiras sozinhos estando exposto a inúmeros perigos, dos quais se pôde verificar através das notícias como a morte e o desaparecimento de alguns e as redes de tráfico humano a aumentarem devido a este aumento de emigração por parte da guerra.

Os menores ucranianos tiveram então um grande destaque na representação de crianças feita nas notícias nos meses que analisei e são por isso um ponto fundamental deste trabalho, serão abordados de novo na fase da análise de conteúdo feita do Primeiro Jornal a partir do mês de março até junho, tal como todas as outras representações de menores presentes no noticiário.

Capítulo 3 - Metodologia

Nesta fase do trabalho irá ser feita a explicação detalhada da metodologia utilizada para a realização deste estudo.

Uma vez que, o grande foco trabalho recaía sobre a representação dos menores de idade nas peças jornalísticas portuguesas e dentro destas representações o objetivo era perceber de que forma era feita, principalmente com menores que estivessem em ambientes de violência.

A investigação começou por, inicialmente, se aproveitar que a primeira parte da pergunta inicial falava dos menores em geral e assim foi feita uma pesquisa e observação generalizadas para depois se focar na segunda parte da questão em que se delimita este grupo generalizado para os menores em ambientes de violência.

Ao fazer uma pesquisa e observação de ambas as partes, representação de menores em geral e de menores em ambientes de violência, foi possível levantar certas questões a serem respondidas neste trabalho, construir um perfil dos menores representados e ter uma noção da perspetiva dos jornalistas sobre este tema.

Com a finalidade do estudo bem delineada, sendo esta a compreensão da realidade mediática acerca da representação de menores em ambientes de violência, foi determinada a estratégia metodológica de trabalho. Para a boa execução deste trabalho foi utilizado o método misto que consiste na utilização de ambos os métodos quantitativos e qualitativos, e que será definido em seguida.

Algumas das técnicas dos métodos utilizados foram também nos métodos qualitativos (as entrevistas e observação participante) e métodos quantitativos (a análise de conteúdo) e também uma revisão das leis de proteção deste grupo a ser trabalhado.

Em seguida estão expostos, enumerados e detalhados os métodos utilizados para esta investigação.

Método Misto

Segundo Creswell e Plano Clark (2011) o método misto é definido como um procedimento de estudo em que se recolhe, analisa e combina ambas as técnicas quantitativas e qualitativas num só modelo de pesquisa. E neste estudo em específico são utilizadas as técnicas quantitativas e qualitativas.

Método quantitativo

Segundo Richardson (1989), o método quantitativo caracteriza-se pela quantificação tanto nas modalidades utilizadas como pelas informações obtidas pelo investigador e o tratamento destas é feito através de técnicas estatísticas.

Este método tem o objetivo de garantir a precisão dos resultados nos trabalhos realizados, tendo poucas hipóteses de distorção do resultado final.

Método qualitativo

Já o método qualitativo difere do anterior, no sentido em que não é feita à base técnicas estatísticas ou números concretos, mas trabalha predominantemente com dados qualitativos, ou seja, depende do conjunto de informação recolhida pelo investigador dos dados qualitativos da análise.

Este método já não é obtém resultados ou conclusões tão precisas como o anterior, mas pode sugerir hipóteses e levantar questões a serem trabalhadas no estudo.

Neste caso, foi a observação do que tipos de imagens eram utilizados nas peças e o jornalista dava ou não voz aos menores.

Análise de conteúdo

A análise de conteúdo revelou-se um método deveras importante e pertinente para este trabalho em específico pelas razões que vou enumerar em seguida.

A análise de conteúdo foi necessária para o levantamento de informação e a compreensão do que estava a ser analisado à luz deste trabalho. Uma análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, quantitativas ou não, que aposta no rigor do método como forma de não se perder a heterogeneidade do seu objetivo” (Bardin, 2006).

Ou seja, este método é utilizado para fornecer dados interpretativos sobre aquele assunto específico em análise. Através dos dados obtidos nessa análise e da sua leitura é-nos então possível o levantamento de perguntas, e construção de hipóteses do trabalho.

Para a realização da análise de conteúdo foram definidos os objetivos da investigação e futuras hipóteses que poderiam surgir a partir desta análise. Em seguida efetuou-se uma construção da grelha de análise à qual teria de preencher de acordo com as variáveis escolhidas para a verificação dos factos a serem expostos nas peças jornalísticas. Esta definição de variáveis ou categorias a analisar mostra-se muito importante, pois divide a análise em várias etapas e permite, dessa maneira, a construção de grelhas de análise tornando depois não só ser mais fácil o preenchimento das mesmas como posteriormente a sua leitura.

As variáveis escolhidas tinham em conta a pergunta de partida e os que as peças podiam revelar acerca do assunto, neste caso que representações dos menores eram feitas.

Observação participante

Através da observação participante é apenas necessário estarmos em contacto com o objeto de estudo, neste caso não foi muito difícil uma vez que o meu trabalho era focado na representação jornalística de menores, por isso ao estar inserida no meio jornalístico acabo por já estar em contacto com o que vou estudar.

De forma geral este método é descrito como “a característica diferencial da observação participante, em relação às outras técnicas, consiste na inserção do observador no grupo observado, o que permite uma análise global e intensidade objeto de estudo” (Almeida & Pinto, 1995).

Logo, estando ao longo de cinco meses na redação da SIC, tive a oportunidade de experienciar em primeira mão o que pretendia estudar. Estive em contacto direto com outros jornalistas, a receber indicações de coordenadores, a observar o trabalho de outros colegas dentro do meu tema de trabalho, estive presente em constantes saídas para o terreno, seja a acompanhar outros jornalistas seja sozinha, e tive também de produzir alguns trabalhos que entram na temática do meu trabalho e através das quais me ajudaram a formular algumas questões para o desenvolver deste trabalho e também ao fui fazendo a análise de conteúdo e trabalhando neste trabalho em questão o que me coloca na posição de observador participante.

“A observação participante é realizada em contacto direto, frequente e prolongado do investigador, com atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa. Requer a necessidade de eliminar deformações subjetivas para que possa ter adquirido treino nas suas habilidades e capacidades para utilizar a técnica.” (Correia, 1999)

Portanto aqui se verifica a pertinência da escolha deste método de investigação como um dos métodos utilizados nesta investigação, pois ao longo dos meses de estágio permaneci constantemente em contacto direto com o objeto de estudo.

Entrevista

A entrevista mostrou-se muito importante na parte final da investigação, pois através da análise das tabelas acerca das peças jornalísticas com menores incluídos conseguiram-se retirar algumas conclusões acerca do que o jornalismo televisivo transmite ao público e por isso tornou-se fundamental o esclarecimento de algumas questões levantadas dos dados das grelhas de análise.

Os jornalistas escolhidos revelaram informações importantes para o decorrer deste estudo fechando algumas hipóteses que tinham surgido com o conteúdo presente nas grelhas de conteúdo.

Foram feitas duas entrevistas, com exatamente as mesmas perguntas de forma a perceber aquelas dúvidas que tinham surgido e se de facto era uma opinião unânime.

“Instaura-se assim, em princípio, uma verdadeira troca, durante a qual o interlocutor do investigador exprime as suas perceções de um conhecimento ou situação, as suas interpretações ou as suas experiências, ao passo que, através das suas perguntas abertas e das suas reações, o investigador facilita essa expressão, evita que ela se afaste dos objetivos da investigação e permite que o seu interlocutor aceda a um grau máximo de autenticidade e de profundidade. (Quiver e Campenhoudt, 1992).

Por esse motivo foi escolhida a entrevista como método de investigação deste estudo. Os intervenientes escolhidos foram dois jornalistas a quem acompanhei nas minhas primeiras saídas ao terreno e que trabalharam ambos com temas que inserem menores de idade, sendo eles maus-tratos e educação. As respostas mostraram-se bastante esclarecedoras para o rumo que o trabalho estava a levar somente das análises das grelhas e por esse motivo tornaram-se fundamentais para o desenvolvimento deste estudo.

Para este estudo foram aplicadas exatamente as mesmas perguntas aos dois jornalistas, sendo estas:

- Porque só dão voz às crianças de classe média-alta?
- Estão a tentar proteger de alguma maneira as crianças de classes mais baixas?

- Consideras que as notícias com crianças/menores de idade como personagens principais têm prioridade perante outros assuntos?
- Como jornalista há alguma coisa em que peças ao repórter de imagem para não mostrar, a nível da presença de menores na tua peça?
- Há alguma regra ou hábito quanto a mostrar e/ou identificar crianças em peças cujo tema não tem a ver com as mesmas? Por exemplo colocar um bebé ao colo da mãe quando ela é entrevistada só para acrescentar dramatismo à imagem. É costume fazer isso? É legítimo fazer isso?

Verificação das leis

Outro ponto completamente essencial, e sem a presença do mesmo não fazia sequer sentido o seguimento do estudo, foi a verificação das leis que protegem os menores do trabalho jornalístico.

Através da verificação das leis e códigos de conduta do jornalismo foi possível de descobrir e relembrar as leis que estão atualmente em vigor para a proteção deste grupo em específico. Sendo que são menores de idade, não podem ser os mesmos a darem permissão do tratamento dos seus dados ou imagem aos jornalistas e, no caso de estarem em situações de violência não podem ser expostos pelos media.

Este estudo permanece muito à volta deste conteúdo também, sendo que as leis são enunciadas logo no início do trabalho para que se tenha as mesmas em conta ao longo do mesmo. Com as leis presentes é depois possível de se verificar se o trabalho jornalístico foi bem executado ou não perante a lei.

A investigação dividiu-se então primeiro com a pesquisa e exposição dos conceitos presentes na pergunta de partida sendo estes a definição de menores de idade, a utilização dos mesmos em notícias, as classes sociais, a violência e os tipos de violência praticada com menores de idade e os códigos e leis de proteção de menores perante os meios de comunicação, mais concretamente da televisão.

Tendo as noções base da investigação passamos à concretização do que realmente importa que foi toda a análise e conteúdo retirado ao longo do estágio e trabalho de investigação pós-estágio, nesta fase são colocados todos os dados retirados dos métodos anteriormente referidos em cima da mesa e são reveladas as primeiras hipóteses que surgem da avaliação do conteúdo recebido pelo espetador.

São criados vários modos de interpretação e do conteúdo, sendo estes gráficos para justificar e demonstrar como chegamos às hipóteses e depois são igualmente construídos os perfis dos principais menores representados pelo meio de comunicação. Depois com acesso às opiniões e justificações dos jornalistas esclarecem-se as dúvidas formadas e conclui-se o trabalho de investigação.

Capítulo 4 – Corpus de análise

Para uma investigação começa-se inicialmente pela elaboração da pergunta de partida dando origem depois a outras questões dentro da mesma. São estas perguntas que são o “coração” do trabalho, o trabalho depende todo delas e por esse motivo têm de estar bem feitas para em consequência obterem as respostas necessárias para se chegar à conclusão do estudo em questão.

A pergunta de partida escolhida foi “Como são retratados os menores de idade em ambientes de violência nas peças jornalísticas?”. A partir desta primeira pergunta construída começam a surgir outros pontos e perguntas da mesma origem e de bastante pertinência para a verificação dos factos.

Para este estudo propôs-se o visionamento do noticiário diariamente para a análise das peças, verificação das leis e código de conduta dos jornalistas quanto à temática da presença dos menores de idade nas peças jornalísticas, a criação de uma grelha onde estão expostas as informações das peças que visionei, posteriormente a análise geral do conteúdo das grelhas gerando algumas conclusões para o trabalho e por fim a entrevista a jornalistas para determinar algumas conclusões e assim finalizar o trabalho.

Para a análise de conteúdo jornalístico foi escolhido o noticiário da hora de almoço, Primeiro Jornal, da SIC para fazer o visionamento das peças sobre ou com menores incluídos a análise foi efetuada diariamente durante quatro meses consecutivos, de março a junho.

Foi necessário pensar que aspetos teriam de ser avaliados nas peças e que seriam utilizados para completar a informação das grelhas de análise de conteúdo a serem construídas, nessas grelhas estavam presentes as seguintes variáveis a verificar nas peças:

- Quantidade de peças apresentadas no noticiário diariamente
- Título das peças por ordem
- Altura de apresentação
- Temática
- Presença da face do menor de idade
- Presença da voz do menor de idade

Com estas variáveis presentes elaborou-se a seguinte grelha de dados para a realização da análise de conteúdos relativa às peças apresentadas no Primeiro Jornal da SIC:

Dia	Quantidade de peças	Título (por ordem de apresentação)	Altura de apresentação	Temáticas	Face	Voz

Tabela 1: Modelo de grelha de organização de dados relativamente às peças de menores de idade

Com estas variáveis pretendia-se chegar a conclusões específicas da representação de certos menores nas notícias, principalmente no caso dos menores em ambientes violentos.

A **quantidade de peças** serve para ter uma ideia de quantas peças sobre menores aparecem diariamente nas notícias, em particular com certos temas como foi o caso do início da guerra e da morte de uma criança, que irei explicar mais detalhadamente mais à frente.

O **título** servia para conseguir distinguir as peças e saber quais apareciam com mais frequência.

A **altura de apresentação** começou por ser para identificar a relevância da notícia, à partida se fosse uma notícia de abertura seria considerada detentora de destaque em comparação com as outras, e se fosse na segunda parte ou final do noticiário teria menos relevância. Relevância têm sempre, pois encontram-se num noticiário, mas têm um pouco menos de importância em comparação com as notícias de abertura.

A **temática** tinha dois objetivos marcados desde início, o primeiro era identificar que tipo de temáticas são utilizadas com os menores de idade e perceber que tipo de abordagem tem mais frequência nos noticiários e notícias em geral. E o segundo veio de uma análise mais profunda ao conteúdo apresentado que era perceber se a temática depende da classe social do menor a ser retratado na peça jornalística.

A **presença de imagem e voz** foi necessária para verificar o tipo de exposição que os menores estavam a ter com cada notícia e perceber também o que determina a possibilidade da utilização destes dois meios de identificação.

Para esta verificação em específico estive atenta, a nível de imagem, para observar que tipo de plano era utilizado com os menores, se da sua face, se planos que protegessem mais a sua identidade como sombras, dos ombros para baixo, de costas ou planos aproximados como mãos, pés ou objetos pertencentes ao menor.

Na presença da voz o método foi semelhante, mas mais concretamente para perceber se de acordo com o tema utilizavam escolhiam ou não o menor para falar numa peça, se a entrevista fosse feita se utilizariam mesmo a voz do menor ou se distorciam a voz. Estas características da análise mostraram-se também muito importantes no desenvolver da investigação, pois uma vez que um dos pontos que vou ter em questão são as crianças e jovens até aos 18 anos expostos a ambientes de violência, numa posição muito vulnerável e que tudo o que vai ser exposto tem de ter um cuidado acrescido queria verificar se a entrevista era uma opção posta em cima da mesa pelo jornalista. Ou também vir a perceber, se em temas que não abordam a violência, se as

entrevistas são consideradas conforme a classe-social, pois qualquer pessoa tem direito à palavra, mas é o jornalista que escolhe a quem a dá.

Para além da análise mais geral do conteúdo, neste trabalho aplicou-se uma análise mais específica sendo que se fez questão de analisar que tipo de imagens eram captadas, a quem eram feitas as entrevistas e se eram ou não identificados, tendo em conta que a identificação de menores depende da autorização prévia de um responsável pelo menor.

Verificou-se então a nível da imagem que tipo de ângulo era utilizado para a representação deste grupo:

- Exposição da face do menor
- Plano mais aproximado (ex: mãos, pés, dos ombros ou cintura para baixo)
- Plano do menor de costas
- Sombras
- Imagem desfocada
- Objetos específicos

A nível da participação por entrevista, as variáveis a analisar eram:

- Quem era o entrevistado
- Se fosse menor, se era ou não identificado
- Se é utilizada a voz verdadeira ou em casos mais delicados se distorcem a voz do participante.

Com esta análise mais detalhada o objetivo era chegar a que tipo de imagem e som é utilizado nos diferentes tipos de situações abordadas nas notícias com este grupo.

As conclusões retiradas da análise de conteúdos foram, inicialmente, que houve uma grande subida na quantidade diária de peças sobre menores, mas especialmente em ambientes de violência devido ao começo da guerra entre a Rússia e a Ucrânia.

Abaixo encontra-se um gráfico com a diferença de mês para mês na quantidade de notícias de menores de idades em geral em comparação com a quantidade das mesmas notícias apenas envolvendo a violência.

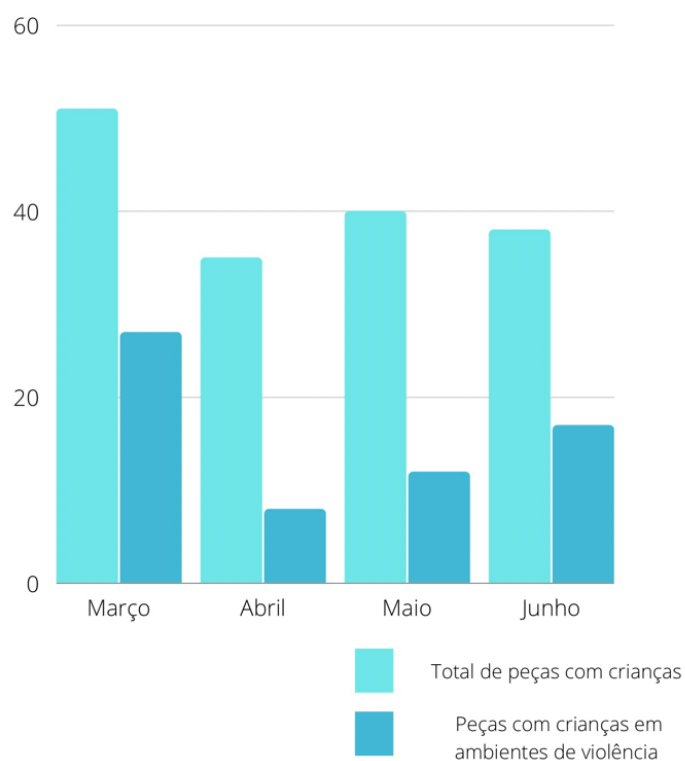


Gráfico 1: Comparação da quantidade de notícias de menores com e sem violência.

Para compreender melhor a análise realizada através das grelhas de análise de conteúdos, foi feito um levantamento de dados de acordo com as temáticas abordadas envolvendo os menores de idade presentes nas grelhas.

Uma vez que, no gráfico anterior é possível verificar-se a diferença na quantidade mensal de notícias envolvendo violência e em geral, neste gráfico seguinte é feita a percepção de que temas tiveram mais representatividade com peças apresentadas no Primeiro Jornal ao longo de todos os meses.

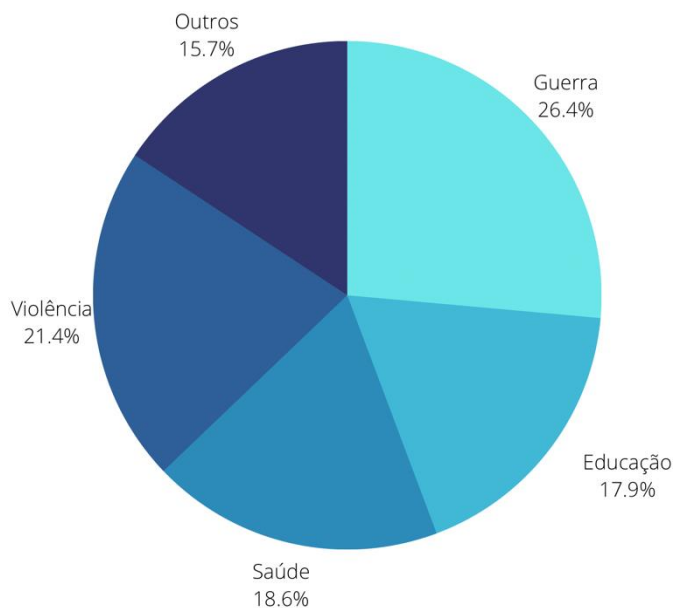


Gráfico 2: Temáticas das notícias com menores.

De acordo com a informação presente no gráfico 2, em primeiro lugar encontra-se a temática da guerra com 26,4% de presença nas peças jornalísticas. Nesta percentagem estão incluídas todas as peças de guerra com a presença e informação de menores.

Em seguida, em segundo lugar, está o que ficou denominado como violência com 21,4% de representatividade nas notícias. Dentro desta percentagem encontram-se reunidas notícias cuja temática geral é violência, mas de forma mais específica encontram-se diferentes tipos de violência como o *bullying*, a violência doméstica, homicídio, abuso sexual e a criminalidade.

Posteriormente aparece em terceiro lugar a saúde, com 18,6%, pois devido a crises nas urgências pediátricas e o surgimento de casos de hepatite atípica em criança teve uma maior presença nas notícias nos meses de abril e maio.

A educação encontra-se com 17,9% de presença com casos ocasionais dentro da temática e descritos como greves, falta de professores e os exames nacionais.

Por último foram reunidos dentro de uma parcela com o nome “outros” várias temáticas que não tiveram presença e representatividade suficiente para ficarem destacadas individualmente ou inseridas em qualquer outra parcela mencionada anteriormente.

Nesta parcela com 15,7% de presença nas notícias encontram-se reunidos em conjunto temas como a cultura e a fome, estas duas temáticas tiveram cerca de duas a quatro peças realizadas no total ao longo dos quatro meses de análise.

Com grande destaque em qualquer gráfico apresentado sobre este período de tempo vai estar sempre representada a guerra, devido a este acontecimento marcante ter começado no final do mês de fevereiro de 2022, mais concretamente no dia 24.

Com o desenvolver deste acontecimento de extrema violência e de forma um tanto inesperada, o nível de notícias sobre o tema a trabalhar cresceu como era expectável. É bastante evidente a diferença presente na quantidade de peças apresentadas com o tema de violência, destacada como guerra no gráfico anterior e outros tipos de violência inseridos nessa parcela igualmente, devido ao início do conflito entre a Rússia e Ucrânia se ter iniciado no final do mês anterior ao que se começou a fazer esta análise de conteúdo por esse motivo estas temáticas tiveram um grande peso no campo das notícias.

Como referido, a guerra na Ucrânia teve um grande impacto nos media portugueses, mas há que salientar que este facto se deve somente devido às suas características específicas, ou seja, por ser uma guerra na Ucrânia e porque o país se encontra localizado na Europa, porque existem países em guerras constantes e em que as crianças também sofrem e morrem diariamente, mas não são notícia em Portugal.

Então porque esta guerra é diferente? A guerra na Ucrânia é diferente para os meios de comunicação portugueses devido também aos valores-notícia, que são, de forma resumida, os critérios sobre o acontecimento que influenciam a sua seleção e destaque como notícia.

Um dos critérios-notícia é a proximidade geográfica e, neste caso, a guerra está próxima do país, é até no mesmo continente, e por esse motivo este conflito será mais noticiado, não porque seja mais preocupante, mas porque não se encontra distante e também porque as consequências da guerra podem vir a afetar o país.

A quantidade de peças então manteve-se alta devido ao início e continuação da guerra na Ucrânia. Desde o início deste conflito que houve sempre, no mínimo, entre duas a quatro peças sobre a guerra excluindo os diretos com atualizações dos acontecimentos a serem vividos no país sob ataque.

Foi-se acompanhando a evolução do conflito, as cidades a serem atacadas, os horários dos ataques e os números de vítimas ao mesmo tempo que acompanhavam a fuga dos cidadãos ucranianos para países próximos.

Através destas notícias e atualizações entrevistaram-se muitos jovens e crianças, alguns acompanhados por parentes e outros completamente sozinhos, para se ter uma perspetiva das crianças e jovens que tentavam fugir à guerra, quais eram as suas dificuldades, para onde queriam ir, etc.

Este foi então o acontecimento com mais destaque e peças realizadas ao longo dos meses e que irá sem dúvida continuar uma vez que não há previsão para quando se irá realizar um acordo ou tomar uma decisão que termine com esta guerra.

Para além desta temática da guerra houve outro acontecimento que registou níveis elevados na abordagem jornalística e produção de peças em conjunto com várias emissões em direto sobre a notícia, foi o caso de Jéssica, o caso da morte de uma criança de três anos que foi assassinada sobre a causa de ser vítima de maus-tratos por uma família a quem a mãe a tinha deixado entregue por tempo indeterminado. Este caso foi notícia durante vários dias, começando a dia 22 até dia 27 de Junho, este foi um caso que, tal como referido anteriormente, teve um impacto enorme nas notícias e foi o assunto mais falado a seguir à guerra contando com até três peças diárias e várias emissões em direto em diferentes locais, tais como a casa da família, a casa onde sofreu os maus tratos, o hospital e o tribunal.

Nestas emissões em direto foram feitos resumos sobre o desenvolver da situação, a detenção dos culpados, entrevistas a testemunhas, familiares e advogados. E nas peças contavam também informações sobre os irmãos da criança que não se encontravam à guarda da progenitora, mas em instituições ou com outros familiares. Estes foram os dois temas que se mostraram com mais destaque em quatro meses de análise do noticiário em questão.

Quanto às temáticas em que esta faixa etária, entre os zero e os dezassete anos, se insere, normalmente as temáticas abordadas com este grupo são principalmente a educação, a saúde, a cultura, vários temas sociais como o desalojamento, a desigualdade, a criminalidade, a violência e a mais recente e destacada de todas as outras, a guerra.

Há que ressaltar também um ponto que suscitou interesse desde o seu acontecimento, o episódio foi relatado no capítulo 1 na parte do Diário do estagiário, na situação que se sucedeu levantaram-se algumas questões sobre a necessidade da presença de uma criança num tema que não tem a ver com a mesma.

A situação em questão aconteceu numa das saídas de campo para a construção de uma peça sobre uma feira de emprego organizada para a inserção dos refugiados ucranianos no mercado de trabalho português. Tal como referido a feira tinha como público-alvo cidadão ucranianos com idades acima dos 18 anos que tivessem chegado recentemente a Portugal vindos da guerra e procurassem trabalho, especificamente na área de hotelaria.

À partida percebe-se de imediato que esta peça jornalística em nada tem a ver com o grupo de crianças e por isso não há grande sentido em explorar essa área num tema que não tem a ver com as mesmas, mas existia uma única criança na sala a acompanhar a mãe. Nenhuma das duas

falava português e foi sugerido que se efetuasse uma entrevista à mãe com a criança ao colo enquanto a mãe chorava de nervosismo.

Seria considerada uma boa peça jornalística por explorar as emoções da mãe e utilizar a imagem da criança apenas para comover o espetador? Esta foi a pergunta que surgiu e se manteve a acompanhar este estudo, porque as crianças devem ser representadas em temas que tenham diretamente a ver com as mesmas e não a ser exploradas pelas emoções e contra a vontade das mesmas e dos progenitores ou encarregados das mesmas.

Através da análise conclui-se que situações como esta em que o tema não tem a ver com a criança ou jovem e a sua imagem estar a ser explorada não são padrão retirando certas exceções, como é o caso das notícias com a temática de temas sociais, mais concretamente o desalojamento de algumas famílias, representado na parcela “outros” no gráfico 2.

Quando abordado este tema é possível de se verificar que nas entrevistas surgem sempre mulheres com os filhos pequenos ao colo ou planos em que acabassem por mostrar crianças, e somente as crianças. É do senso comum que sabemos que as crianças também estavam desalojadas uma vez que os pais também estavam, mas será que era mesmo necessária a presença de imagem das mesmas? Segundo as entrevistas feitas, não.

Ambos os jornalistas entrevistados concordam que não faz sentido a utilização da imagem de uma criança ao colo de alguém se o tema não tiver a ver com a mesma, apenas se recorre à utilização de imagens de crianças em temas que acabam por envolver as mesmas e não de deve ceder à tentação da utilização destas imagens apenas para criar dramatismo, pois o uso inadequado destas imagens vai acabar por desviar a atenção do que realmente importa na reportagem.

Porém se for um assunto em que não vale a pena a identificação, mas tiver a ver com crianças da mesma maneira, podem ser utilizadas imagens significativas e que normalmente se encontram em arquivo, que normalmente são planos de mãos ou pés de crianças para ilustrar, por exemplo, as notícias das urgências de obstetrícia, ou portões de escolas e corredores para assuntos sobre a educação.

A variável em análise da altura de apresentação no noticiário começou de início por ser uma ideia de hierarquização das notícias e no fundo é, mas a realidade é que normalmente o noticiário já tem uma organização prévia e igual para todos os dias, à exceção de dias em que o coordenador vê mais importância em certos assuntos relacionados com certos temas, tal como referido no agenda-setting.

Em dias “normais” e em que não há importância ou um destaque acrescido a notícias relacionadas com crianças e jovens, estes mantêm-se na segunda parte do jornal onde se encontram normalmente notícias sobre algo relacionado com a criança, educação e o internacional.

Mas pode acontecer algo que mude completamente a organização a que os jornalistas normalmente estão habituados, como foi o caso do tiroteio numa escola primária no Texas. Esta notícia em específico reuniu tudo o que supostamente passa na segunda parte do noticiário e tornou-se notícia de abertura.

E por fim, foi nas últimas variáveis, da presença da imagem e voz dos menores, e em conjunto com todas as outras que se tornou exequível a formulação de algumas hipóteses e perguntas a fazer aos jornalistas para o esclarecimento das suposições provenientes do levantamento de dados das grelhas de conteúdo.

Com o avançar da análise considerou-se de alguma pertinência a construção do perfil da criança e jovem representada nas peças jornalísticas em ambientes de violência.

Por esse motivo o perfil que vai estar representado abaixo é o perfil das crianças e jovens representadas na temática da guerra, uma vez que foi a temática com mais destaque ao longo dos meses de análise de conteúdo.

Por esse motivo o perfil de criança e jovem possível de se identificar e que se mostrou com bastante destaque no noticiário do Primeiro Jornal da SIC, maior destaque ao longo dos quatro meses de estudo e igualmente a personagem principal deste estudo, foi o perfil da criança e jovem exposto a ambientes de violência. Neste caso, o menor em fuga da guerra, o refugiado.

Em todas as notícias sobre as crianças ou jovens refugiados aparecem sempre imagens que os identifiquem independentemente da sua idade, estrato social, etc.

Mas não só é utilizada a sua imagem como também é em muito enriquecida a peça com o seu testemunho em primeira mão sobre o que se está a passar, mas nem sempre são identificados.

Não é possível qualquer outra identificação específica sobre este grupo de perfil, as idades são as compreendidas entre os zero até aos dezoito anos sem haver mais destaque para uma idade ou outra, são vistos como um todo, como crianças desesperadas por fugir da guerra.

Também não há qualquer indicador quanto à sua classe social ou outro indicativo social até porque o seu destaque no meio da notícia não depende disso, mas das dificuldades que estão a passar em tempo de guerra no seu país.

Estas crianças e jovens da guerra estão muito mais expostos seja à imagem como à presença da sua voz em entrevista, uma vez que a peça se foca especialmente neles e em tantos outros menores a viverem a mesma situação de ter de deixar a sua casa, o seu país com o pouco que conseguem levar com eles e muitos deles sem conseguirem ir acompanhados pela sua família, nestes casos em específico a temática envolvente não é apenas a guerra, mas também se viu

envolvidas nesta alguns subtemas, tais como o tráfico de humanos/menores, o abandono, entre outros.

Para deixar explícito este perfil encontram-se abaixo as características do mesmo na ilustração:



Ilustração 1: Perfil dos menores de idade em ambientes de violência.

Acerca de temáticas passadas em Portugal e não relacionadas com a violência, porque não houve casos suficientes para fazer esse tipo de estudo, a partir somente da observação de peças e do levantamento de dados, tal como foi feito para a construção do perfil anterior, foram construídos gráficos com valores quanto ao que era apresentado para no seguimento dos dados que foram levantados se explicar as hipóteses e suposições criadas devido às escolhas feitas pelo meio de comunicação.

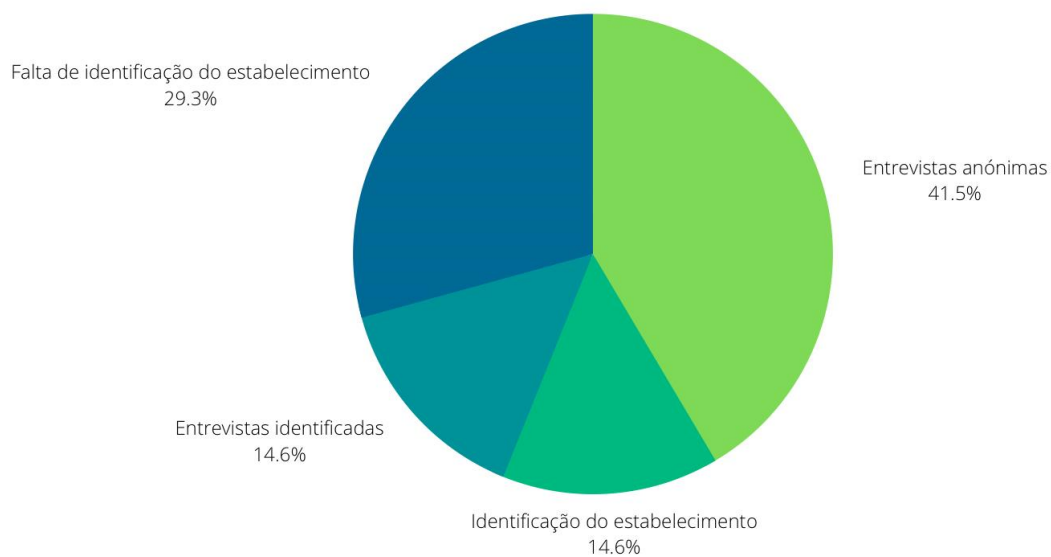


Gráfico 3: Identificação de dados relativamente à representação de menores na temática da educação

Como já foi anteriormente referido a seguir à guerra, a educação foi a temática com maior destaque das notícias a contar com a participação da imagem e da voz das crianças e jovens apresentados, porque a nível de percentagens a saúde está antes, porém educação tem uma participação mais ativa e detalhada das crianças e jovens apresentados.

Portanto com base na informação de que nos quatro meses de análise se pôde identificar e analisar 25 notícias com a temática identificada como sendo da educação, cerca de 29 % dos estabelecimentos de ensino não são identificados e cerca de 41% dos menores de idade entrevistados para a peça não são identificados.

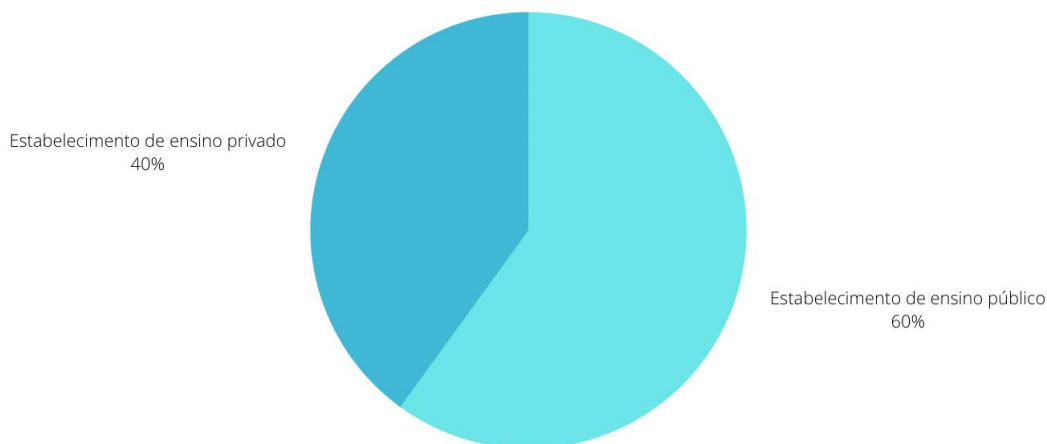


Gráfico 4: Identificação dos estabelecimentos de ensino

Em 25 peças noticiosas apresentadas no Primeiro Jornal, apenas em cinco era possível de se identificar os estabelecimentos onde estavam a ser gravados sendo que três desses eram estabelecimentos de ensino público e os dois restantes de ensino privado. Por esse motivo existe uma discrepância na percentagem de estabelecimentos públicos identificados e privados, mesmo que nas outras peças não identificadas se pudessem reconhecer alguns espaços, pois muitas vezes são usadas gravações que são excertos de outras peças já utilizadas do mesmo tema e volta-se a ir buscar certos planos ao arquivo onde guardam todo o material de imagem que possa ser necessário no futuro.

Porém, neste caso, ainda existe outra variável que não foi posta em causa, que é a identificação do jovem ou da criança entrevistada.

Como foi possível verificar no gráfico 3, a percentagem de entrevistas a menores nesta temática com os mesmos a não serem identificados é muito superior a todos os outros aspetos, representando 41,5% do universo analisado das peças de educação e depois no gráfico 4 percebemos que os estabelecimentos de ensino de facto identificados não se encontram com as percentagens muito diferentes uma da outra, até porque na realidade foi só uma escola de diferença. No entanto, o que se observou durante a análise de conteúdo noticioso diário foi que na verdade sempre que a peça tinha um estabelecimento de ensino privado identificado também todos os entrevistados, menores de idade, eram identificados também, mas nas escolas públicas não se passava o mesmo.

Como observado nos estabelecimentos identificados de ensino público eram poucas as vezes que os menores eram entrevistados, e praticamente nunca identificados, normalmente entrevistavam os diretores ou encarregados de educação como alternativa.

Após a observação e levantamento de dados concretos acerca desta temática formaram-se algumas suposições ou hipóteses acerca das escolhas da televisão e dos jornalistas em relação ao que estava a ser representado nas notícias.

Pelo que se pôde verificar na maioria das vezes apenas os jovens de idade de estabelecimentos de ensino privados é que tinham o “privilégio” de aparecer nas notícias, darem a sua opinião e serem identificados, ou seja terem força a nível de representatividade do que jovens de estabelecimentos de ensino público ou não identificados.

Estas conclusões/hipóteses foram retiradas de informação obtida através de imagens apresentadas e posteriormente guardada a informação para se verificar se havia de facto algum contraste e depois através da pesquisa e das entrevistas perceber se se comprovasse um contraste se o mesmo era propositado por parte do jornalista ou do meio de comunicação.

Supondo que por frequentarem o ensino privado em Portugal se consideram estes jovens e crianças de uma classe mais alta, porque poderiam estes ter mais representatividade ou direito a estarem identificados quando dão a sua opinião? Em suma os jornalistas descartaram a ideia de ser dado destaque a uma classe-social em específico, clarificando também que as suposições feitas a partir da informação das grelhas de análise e observação dos locais de gravação identificados se verificam devido ao facto dos jornalistas recorrerem sempre aos mesmos estabelecimentos de ensino por saberem que lhes é permitido a captação de imagem no local, este que é um critério obrigatório, sem a autorização das escolas e dos responsáveis pelos menores não se pode fazer nada.

E reforçam a ideia de que não protegem igualmente nenhuma classe ao não ser identificada, mas sim os menores em geral especialmente aqueles em situações mais delicadas como abusos sexuais, agressões, violência doméstica, entre outros.

Os jornalistas na verdade não escolhem o local para onde vão gravar ou entrevistar pessoas, existe uma reunião feita previamente para se planear as peças que serão gravadas na rua normalmente no dia seguinte ou por vezes de última hora. E se for de última hora e não tiverem autorizações não podem entrevistas jovens com idades abaixo dos 18 anos, podem no entanto recorrer a alternativas tais como a entrevistas de encarregados de educação, a captação de imagens sem a identificação do estabelecimento ou das crianças e menores que o frequentam, podem fazer imagens dos mesmos mas em planos mais aproximados e sem que os identifiquem recorrendo

então às imagens desfocadas, planos de costas, pés a correr ou andar e por fim podem também recorrer a imagens de arquivo já utilizadas noutras peças.

De acordo com tudo o que foi analisado e questionado acerca das hipóteses levantadas através não só da análise de conteúdos como dos pequenos detalhes inseridos dentro das temáticas trabalhadas nos conteúdos noticiosos presentes no Primeiro Jornal da SIC pode concluir-se que somente a análise sem a entrevista posteriormente poderia ser enganadora quanto à presença de crianças e jovens sem o envolvimento com violência em Portugal, visto que os jornalistas trouxeram informação importante a ser considerada principalmente de acordo à diferenciação entre classes e destaque de alguma em específico, pois não está nas mãos do jornalista o facto de poderem eventualmente não ter permissão para a captação de imagem ou entrevistar os jovens e crianças presentes nos estabelecimentos de ensino ou outros locais, mas sim nas mãos dos responsáveis por estas crianças e jovens.

Quanto às leis identificadas no início do estudo, não foram encontradas quaisquer falhas no trabalho jornalístico com o grupo em questão, os cuidados a ter são muitos, mas estão a ser tomadas as medidas necessárias para se realizar o que pode ser considerado um bom trabalho.

Conclusão

Os meios de comunicação em geral, mas mais propriamente os televisivos, têm a grande responsabilidade de como retratam ou representam a realidade, mas quando a realidade tem envolvida a faixa etária das crianças e jovens considerados menores de idade acresce-lhes algumas preocupações e responsabilidades. Isto porque, este é um grupo cheio de restrições e vulnerabilidades e por esse motivo o trabalho de alguma temática com este grupo envolvido acaba por ser um desafio a ter de ser enfrentado pelos jornalistas.

A profissão dos jornalistas tem a obrigação de informar o público, mas informar não é sinónimo de explorar e devido às restrições impostas aos jornalistas, se estes não as respeitarem estão não só a explorar este grupo mais vulnerável como também a desrespeitar os seus direitos.

Por existirem tantas exigências com o trabalho a envolver esta faixa etária é que se revelou ser um bom tema de desenvolvimento de uma investigação, para neste procurar saber se as regras estão a ser seguidas, quais os costumes dos jornalistas que trabalham diariamente com a temática de crianças e jovens e que perspectiva se tem deste trabalho feito por parte do profissional.

Desde o início desta investigação que se tentou delinear uma linha de conceitos e conhecimentos, com o foco em particular na problemática desta investigação que é a presença dos menores de idade em peças jornalísticas televisivas, principalmente os que estão expostos a situações de violência. Esta foi a primeira fase do trabalho, desconstruir a pergunta de partida explicando cada conceito presente na mesma.

Através da pesquisa foram expostos os conceitos e também os códigos e leis que visam a proteção destas crianças e jovens em investigação e trabalho por parte dos jornalistas, recorreu-se à exposição integral de certos artigos jurídicos presentes no site da entidade reguladora para a comunicação social (ERC) que tem o objetivo, exatamente, de controlar se a profissão do jornalismo está a ser bem exercida, se os jornalistas trabalham respeitando as leis existentes e os códigos de trabalho.

Os códigos de conduta dos jornalistas não servem só para os limitar, mas por vezes para os guiar a uma boa estrutura e desenvolvimento adequado do trabalho do profissional, tendo em conta que o tema desta investigação é um público muito específico, encontram-se presentes nos códigos

alguns conselhos e regras a seguir com estes participantes com características mais vulneráveis e por vezes em situações mais delicadas.

O estágio curricular de cinco meses na SIC e a investigação proposta a ser feita tornaram-se ainda mais pertinentes e relevantes no decorrer do período de estágio, não só através da recolha de dados como também devido à experiência vivida durante os meses como estagiária. O contacto com outros jornalistas a trabalharem com este tema foi muito importante para a aprendizagem e recolha de alguma informação determinante para a evolução deste trabalho e consequentemente a experiência adquirida na primeira pessoa através do aparecimento de trabalhos em que poderia ter de colocar a presença de menores em questão e onde foi possível aplicar conhecimentos adquiridos previamente e, de igual forma, levantar algumas questões quanto à abordagem jornalística.

Por esse motivo é notório que o estágio curricular foi muito mais do que um espaço de constante aprendizagem, foi também um ramo muito importante e necessário para a investigação, pois todo o desenvolver do tema se encontra em torno do que foi possível fazer ao longo do estágio e com alguns acessos que o mesmo proporcionou.

Da mesma forma, a pergunta de partida “Como são retratados os menores de idade em ambientes de violência nas peças jornalísticas?”, por se encontrar, desde início, bem estruturada e com um ângulo ao qual se dificulta o desvio não intencional do que realmente se pretende, ajudou a investigação desde o seu começo a ter os conceitos e áreas abrangentes bem definidas de forma à sua essência e à raiz do problema não serem perdidas ao longo do trabalho.

Devido à pergunta de partida também se procurou responder à mesma de acordo com as etapas de produção de notícias de menores, ter por base as leis protetoras do grupo e, por fim, à análise de dados e confirmação das mesmas através de entrevistas.

Durante a investigação o ponto de partida foi o estudo sobre a abordagem de menores de idade nas notícias definindo conceito a conceito do que pertence ao meio que pretendia começar a estudar.

Após uma abordagem mais abrangente do conteúdo principal da investigação, passou-se para a fase de definir o que seria feito a nível prático para a evolução, e chegada a conclusões, deste estudo. Começando pela escolha de horário, noticiário e o tempo de análise, foi escolhido então o noticiário da hora de almoço da SIC, o Primeiro Jornal, e foi efetuada a análise de conteúdo durante quatro meses consecutivos, de Março a Junho, para desta maneira ser possível a comparação de conteúdos apresentados com alguma longevidade temporal.

Depois de levantados e analisados todos os dados presentes nas grelhas de análise de conteúdo construídas especialmente com o propósito de verificar o tipo de representação que é feita das crianças e jovens com idade inferior a 18 anos nas peças jornalísticas e as suas características criaram-se algumas conclusões que precisavam de ser apuradas para se verificar se, de facto, correspondiam à realidade, se tinham um acaso a nível temporal ou se tendem a estar dessa maneira de acordo com o trabalho praticado pelo jornalista.

Com as entrevistas realizadas a jornalistas que efetuaram casos presentes nas grelhas de análise chega-se no fim à conclusão de situações que não tinham sido consideradas de início, tais como parecer que os jornalistas tomam partido em entrevistas, por parecer que é sempre o mesmo tipo de jovem a ser entrevistado consoante o tema da peça, quando depois através das entrevistas nos garantem que as situações acontecem por acaso, uma vez que tendem a ir a locais onde sabem que estão autorizados a gravar e falar com certas crianças e jovens e que no fundo a ideia de classe social se torna um tanto irrelevante para eles, porque consideram que a proteção tem de ser sempre a prioridade seja qual for o estrato social do menor.

Estas entrevistas demonstraram-se determinantes para retirar as dúvidas que restavam realmente da perspetiva do jornalista que trabalha as peças, até porque quem escolhe os locais de gravação não são os jornalistas, os jornalistas vão para o terreno recolher informação para onde os mandam, só em situações muito específicas é que não resta grande escolha no local para onde vão mandar o jornalista trabalhar.

Gostava ainda de salientar nesta parte final do trabalho e após a abordagem das entrevistas presentes neste trabalho que a realização de entrevistas se revelou especialmente difícil. Esta que era a única parte do estudo que se pensava ser a mais tranquila mostrou ser uma grande preocupação, porque assim que os jornalistas que eram contactados sabiam o tema que seria trabalhado nesta investigação deixavam de responder.

Talvez este tema da retratação de crianças e jovens em notícias seja para além de um desafio a enfrentar no trabalho, igualmente um tema difícil e que alguns jornalistas ainda tenham receio de falar sobre o mesmo.

Em relação ao tempo a estagiar, através deste período foi possível descobrir que normalmente as notícias com o envolvimento de menores de idade, como a temática da educação, tendem a passar somente na segunda parte do jornal em conjunto com as notícias internacionais, no entanto com notícias dentro da temática da violência as mesmas passam de ser da segunda parte diretamente para a abertura do noticiário, como o caso das crianças na guerra e da morte da criança em Setúbal.

Relativamente também à frequência de apresentação de notícias sobre menores, houve praticamente todos os dias notícias relacionadas com menores de idade, principalmente e especialmente desde o início da guerra. E com altos níveis de modo geral, como deu para se constatar no gráfico 1, o gráfico de comparação mensal.

A escolha da observação participante como método de investigação demonstrou-se um método fundamental e de extrema importância na realização desta investigação, porque foi através da mesma que se colocou o espírito crítico em ação e se levantaram algumas questões necessárias para a resolução deste trabalho. Foi muito importante o acompanhamento dos jornalistas, o contacto com o trabalho dos mesmos diariamente, o esclarecimento de dúvidas conforme os trabalhos propostos em redação, tudo isso acabou de certa maneira por influenciar o caminho percorrido ao longo deste trabalho.

Para finalizar, de forma resumida, toda a temática envolvente de crianças e jovens com idade abaixo dos 18 anos em formato noticioso é alvo de um processo demorado e complexo. Isto porque não depende somente do jornalista que trabalha a notícia a abordagem do menor de idade, mas sim de todos os fatores externos em redor do mesmo e da legalidade da sua presença para o efeito de exposição em formato de notícia.

O trabalho do jornalista nesta vertente de representação de menores depende de muitas variáveis, para além do seu código deontológico e a nível das leis protetoras da utilização de menores em televisão e notícias, depende também da autorização de captação de imagem e de entrevistas por parte dos responsáveis pelas crianças e jovens que participem eventualmente nas peças jornalísticas. Porém para além da autorização tem de se ter em conta o tema em que o menor de idade vai ser retratado na notícia, se o tema ou abordagem for de alguma forma prejudicial para o mesmo o jornalista não deve identificar um menor em risco, vai contra tudo o que foi apresentado no trabalho, no entanto não aconteceu durante o tempo de análise uma falha dessas.

Referências Bibliográficas

- África, O. M. (2022). *World Health Organization*. Obtido de Relatório de situação de 2020 sobre a prevenção da violência contra as crianças na região africana da OMS:
<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/352479/9789290341437-por.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL.
- Bourdieu, P. (2006). *A distinção*. Porto Alegre: EDITORA ZOUK.
- Carvalho, M. (2017). *Open Edition Journals*. Obtido de Traços da evolução da justiça juvenil em Portugal: do “menor” à “justiça amiga das crianças”:
<https://doi.org/10.4000/configuracoes.4267>
- Coelho, E., Silva, A., & Lindner, S. (2014). Violência: definições e tipologia. Brasil.
<https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10353/6700>
- Colling, L. (2001). Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados. 88-101.
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/NãfO%20https://www.scimagojr.com/index.php/revistafamecos/article/download/3154/2425>
- criança, I. d. (2013). Tráfico cde crianças. *InfoCEDI*, 1-34. <https://iacrianca.pt/wp-content/uploads/2020/07/infocedi45.pdf>
- Espíndula, D. H. (Espíndula, D. H. P., Aranzedo, A. C., Trindade, Z. A., Menandro, M. C. S., Bertollo, M., & Rolke, R. K). “Perigoso e violento”: representações sociais de adolescentes em conflito com a lei em material jornalístico. *PSIC-Revista de Psicologia*, 11-20. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v7n2/v7n2a03.pdf>
- Filho, D., Freitas, D., Júnior, J., Paranhos, R., & Rocha, E. (2016). Uma introdução aos métodos mistos. pp. 384-411.
<https://www.scielo.br/j/soc/a/WtDMmCV3jQB8mT6tmpnzkKc/?format=pdf&lang=pt>
- Gadret, D. (2018). *A emoção no telejornalismo e as suas funções discursivas*. Obtido de <file:///C:/Users/ricar/Downloads/799-13-1481-1-10-20190909.pdf>
- Hayeck, C. (2009). *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*. Refletindo sobre violência:
<https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10353/6700>
- infância, A. d. (2009). *Infância & Consumo: estudos no campo da comunicação*.
http://www.conselhodacrianca.al.gov.br/sala-de-imprensa/publicacoes/Livro_Infancia-consumo.pdf#page=74

- João, A. (2008). Bullying: Comportamento agressivo entre pares a nível escolar. *International Journal of developmental and educational psychology*, 133-140. Obtido de <https://www.redalyc.org/pdf/3498/349832317014.pdf>
- Libório, R., & Castro, B. (2010). *Abuso, exploração sexual e pedofilia: as intrincadas relações entre os conceitos e o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes*. São Paulo: ABMP. https://www.researchgate.net/profile/Mariliza-Da-Silva/publication/320426003_Crianca_e_Adolescente_-_Direitos_Sexualidades_e_Reproducao/links/59e4bb030f7e9b97fbf08d6b/Crianca-e-Adolescente-Direitos-Sexualidades-e-Reproducao.pdf#page=19
- Markttest. Classe Social Alta e Média em Portugal : <https://www.markttest.com/wap/a/n/id~d4.aspx>
- Marôpo, L. &. (2015). Representações de crianças e jovens nas notícias: o cenário português. https://www.researchgate.net/publication/294686137_Representacoes_de_crianças_e_jovens_nas_noticias_o_cenario_portugues
- Marôpo, L. (2012). Comunicação & Cultura. *Anjos ou demónios? crianças, jovens e crimes nos media*, pp. 207-225. <file:///C:/Users/ricar/Downloads/642-article-1691-1-10-20190923.pdf>
- Marôpo, L. (2015). *crianças como fontes de informação*. <https://run.unl.pt/handle/10362/23253>
- Matielo, J. (2022). *Jornalismo em desastres ambientais: uma reflexão acerca dos sentimentos dos jornalistas na cobertura desses acontecimentos*. Universidade Federal de Santa Maria.
- ONU. (2019). Nações Unidas Centro Regional de Informação para a Europa Ocidental. *Juventude*. <https://unric.org/pt/juventude/>
- Paula, P. (2010). Criança, adolescente e jovem. pp. 1-3. <https://seer.pgskroton.com/adolescencia/article/download/236/222>
- Pedroso, J. (1998). *A reforma do "direito de menores" : a construção de um "direito social"?* <https://eg.uc.pt/bitstream/10316/11013/1/A%20reforma%20do%20direito%20de%20menores.pdf>
- Pereira, S. (2003). *As crianças, a guerra e os meios de comunicação*. Universidade do Minho.
- Pinto, M. &. (1999). As crianças e os media no pós-25 de Abril. Universidade do Minho. *Centro de investigação em estudos da criança*. <http://hdl.handle.net/1822/3983>
- Ponte, C. (. (2009). *Crianças e Jovens em notícia*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Ponte, C. (2005). *A construção da infância pelo discurso jornalístico 1970-2000*. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais.

- Ponte, C. (2012). *Crianças e media: Pesquisa internacional e contexto português do século XIX à atualidade*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Pontes, C. (2006). A pesquisa em jornalismo e as pesquisas sobre crianças e adolescentes. *Contracampo revista do programa de pós graduação em comunicação*.
doi:<https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i15.536>
- Portuguesa, C. d. (2005).
<https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>
- Rego, W., & Pinzani, A. (2013). *Vozes do Bolsa Família: autonomia, dinheiro e cidadania*. São Paulo: Unesp.
- república, D. d. (2007). *Lei da televisão e dos meios audiovisuais a pedido*.
<https://www.erc.pt/pt/em-foco/protecao-de-menores-republica>
- república, D. d. (s.d.). *Código deontológico do jornalista*.
<https://files.dre.pt/1s/2020/11/22600/0000400034.pdf>
- Sarmiento, M. (2009). *Os olhares da sociedade portuguesa sobre as crianças*.
<https://hdl.handle.net/1822/66605>
- Silvestra, M., & Ferreira, C. (2013). As crianças protagonistas de notícias: sujeitos e objetos de crime. *Intercom*, 81-102.
<https://www.scielo.br/j/interc/a/KQLQ3kvwJsBkLb3kkSwDcXK/?lang=pt&format=pdf>
- Silvestre, M. J. (2013). As crianças protagonistas de notícias: sujeitos e objectos de crime. *Intercom*, 81-102. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/rbcc.v36i1.1669>
- Simões, P. (2018). *Um jornalismo sobre todos e para todos?* . Universidade da beira interior .
- Social, E. R. (2022). *ERC*. Obtido de Proteção de menores: [https://www.erc.pt/pt/em-foco/protecao-de-menores-](https://www.erc.pt/pt/em-foco/protecao-de-menores)
- The Agenda-Setting Theory. (2007). *Cuadernos de Información*, 44-50.
<https://www.redalyc.org/pdf/971/97120369004.pdf>
- UNICEF. (2019). *UNICEF Brasil*. Obtido de Estatuto da criança e do adolescente:
<https://www.unicef.org/brazil/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente>

ANEXOS

Anexo 1- Avaliação do estágio



Parecer do responsável do Estágio

Referente ao período de estágio da aluna Inês Filipa Manuel Pinto estabelecido pelo Protocolo de Cooperação entre a **Escola Superior de Comunicação Social (ESCS)** e a **SIC**, no ano letivo 2021/2022, o responsável de estágio José Gomes Ferreira, designado por esta empresa, informa e emite parecer sobre o seguinte:

1. Descrição sumária das tarefas executadas pelo estagiário:

A Inês Pinto colaborou na Rotina Diária de Redação. Realizou várias reportagens em temas de temas nacionais e internacionais para os noticiários da SIC e SIC Notícias e online.

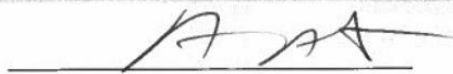
2. Apreciação qualitativa do desempenho do estagiário, tendo em conta os seguintes aspetos:

- a) Autonomia
- b) Iniciativa
- c) Capacidade de resposta às tarefas propostas
- d) Integração na equipa
- e) Outros aspetos considerados de relevo

A Fúe mostrou Bom conhecimento, para, cedo,
ganhar autonomia na REALIZAÇÃO & RESPONSABILIDADE,
Ao longo do estágio fez várias coisas,
Muitas delas auto-propostas, onde revelou
uma bom nível de cuidado e rigor e
responsabilidade, respeitamos sempre os
cuidados a ter na execução do trabalho
e em concordância com o código
deontológico.

(Local) 19, (data) Outubro de 2022.

Assinatura do Responsável de Estágio



Anexo 2- Grelha de análise de conteúdos do Primeiro Jornal do mês de março

Dia	Quantidade de peças	Título (Por ordem de apresentação)	Altura da apresentação	Temáticas	Face	Voz
1	5	-Guerra na Ucrânia -Fuga da Ucrânia -Fuga da Ucrânia -Crise de Refugiados na Europa -Fuga da Ucrânia	Primeira parte	Guerra	X	X
2	-	-	-	-	-	-
3	-	-	-	-	-	-
4	7	-Fuga da Ucrânia -Crise de Refugiados na Europa -Fuga da Ucrânia -Acolhimento refugiados -Vigília pela Ucrânia em Ílhavo -Ação pela paz Bragança -Homenagem a alunos Ucrânicos	Segunda parte	Guerra	X	X
5	-	-	-	-	-	-
6	3	-Fuga da Ucrânia -Fuga da Ucrânia (500 mil crianças obrigadas a deixar o país) -Acolhimento de refugiados em Portugal (chegam alguns menores)	Primeira parte	Guerra		X
7	5	-Família ucraniana abatida a tiro -Fuga da Ucrânia -Refugiados em Portugal -Acolhimento de refugiados em Portugal (23 crianças) -Recolha e entrega de alimentos para a Ucrânia	Primeira parte	Guerra/Ações Humanitárias	X	X
8	3	-Guerra na Ucrânia (2 crianças entre as vítimas mortais) -Fuga da Ucrânia (comboio com 150	Primeira parte	Guerra		

		órfãos chegou à Polónia) -Escolas do Algarve vão receber alunos				
9	4	-Guerra da Ucrânia -Casal foge com 4 filhos em viatura com 40 anos -Criança de 11 anos fugiu do conflito sem família -Escolas vão adaptar-se para receber crianças	Primeira parte	Guerra		
10	1	-3 mortos em maternidade bombardeada em Mariupol	Primeira parte	Guerra		
11	2	-ONU fala em mais de 2,5 milhões de refugiados -Centenas esperam horas em pé ao frio para sair do país	Primeira parte	Guerra		
12	-	-	-	-	-	-
13	-	-	-	-	-	-
14	-	-	-	-	-	-
15	2	-Tráfico Humano -Acolhimento de refugiados em Leiria	Segunda parte	Guerra/Ações humanitárias		
16	1	-Fuga Ucrânia	Primeira parte	Guerra		
17	2	-Bombardeamento teatro de Mariupol onde estavam crianças refugiadas -Reencontro de menino de 11 anos com a mãe	Primeira parte	Guerra		
18	2	-Mulheres e crianças fogem de Mykolaiv e Odessa -Invasão russa já causou 3,2 milhões de Refugiados	Primeira parte	Guerra		
19	3	-Barrigas de aluguer ucranianas não conseguem sair do país -Refugiados em Viseu -Alteração do plano escolar de matemática	Primeira parte	Guerra		
20	1	-Papa visita crianças ucranianas internadas	Primeira parte	Guerra		
21	-	-	-	-	-	-
22	-	-	-	-	-	-

23	1	-Acolhimento de refugiados em Gondomar	Segunda parte	Refugiados		
24	-	-	-	-	-	-
25	2	-Várias famílias de Kharkiv nas estações de metro -Número de partos aumentou na maternidade de Mykolaiv	Primeira parte	Guerra		
26	1	-Família viveu 15 dias numa cave em Mariupol	Primeira parte	Guerra		
27	-	-	-	-	-	-
28	3	-3,8 milhões de pessoas fugiram da Ucrânia -Família ucraniana vive há 3 semanas numa estação -Refugiados abandonados	Primeira parte	Guerra/Refugiados		
29	1	-Falta de professores em 2023 (mais de 100 mil alunos sem pelo menos um professor)	Fecho do jornal	Educação		
30	-	-	-	-	-	-
31	2	-Urgência do Hospital de Braga sob pressão -Urgências pediátricas sob pressão	Abertura do jornal	Saúde		

Anexo 3 - Grelha de análise de conteúdos do Primeiro Jornal do mês de abril

Dia	Quantidade de peças	Título (Por ordem de apresentação)	Altura da apresentação	Temáticas	Face	Voz
1	1	-Guerra na Ucrânia	Primeira parte	Guerra	X	-
2	1	-Livros em Português e Ucraniano	Primeira parte	Educação	X	X
3	-	-	-	-	-	-
4	-	-	-	-	-	-
5	-	-	-	-	-	-
6	2	-Viagens de finalistas (PSP sensibiliza jovens em Elvas) -Seca e fome em África	Segunda parte	Educação/ Fome	X	-
7	2	-Viagens de finalistas fiscalizadas -Apoio a refugiados em Coimbra	Primeira parte	Educação	X	X
8	3	-Ataque a estação de comboios na Ucrânia (pelo menos 4 crianças mortas em Kramatorsk) -Impacto da pandemia nos jovens -Uso da máscara nas escolas	Primeira parte	Guerra	X	X
9	-	-	-	-	-	-
10	-	-	-	-	-	-
11	3	-Férias da Páscoa na aldeia -Uso de máscara nas escolas	Segunda parte	Páscoa/ Bullying	X	X

		-Agressão em escola do entroncamento				
12	6	-Evolução da pandemia em Portugal -Reforma de professores (28 mil alunos não tiveram todas as aulas) - Páscoa no Algarve -Aumento dos preços dos combustíveis -Família ucraniana acolhe refugiados -Polémica europeus de Karting	Primeira parte (Ao longo do jornal)	Máscaras/ Guerra	X	X
13	1	-3º período arranca com máscaras nas escolas	Primeira parte	Máscaras	X	-
14	3	-Criança de 2 anos exposta a drogas -Tradição do foliar transmontano -Dança nos bairros do Porto	Primeira parte	Maus tratos/Páscoa/ Dança	X	X
15	-	-	-	-	-	-
16	1	-Integrar através do desporto	Primeira parte	Refugiados	X	X
17	1	-Guerra na Ucrânia	Primeira parte	Guerra	X	X
18	-	-	-	-	-	-
19	5	-De Mariupol para Zaporijia -Máscaras nas escolas -Máscaras nas escolas -Máscaras nas escolas	Primeira parte (Ao longo do jornal)	Guerra/Educação/Máscaras	X	X

		-Combate ao insucesso na região oeste				
20	3	-Fim do uso de máscaras em Espanha -Violência sexual contra crianças e jovens -Casos atípicos de hepatite em crianças	Primeira parte (Ao longo do jornal)	Máscaras/saúde/violência sexual	-	-
21	-	-	-	-	-	-
22	-	-	-	-	-	-
23	-	-	-	-	-	-
24	-	-	-	-	-	-
25	-	-	-	-	-	-
26	3	-Hepatites atípicas em crianças -Fim das máscaras nas escolas -Famílias despejadas vivem na rua em Aveiro	Primeira parte e início da segunda parte	Saúde	X	X
27	-	-	-	-	-	-
28	-	-	-	-	-	-
29	-	-	-	-	-	-
30	-	-	-	-	-	-

Anexo 4 - Grelha de análise de conteúdos do Primeiro Jornal do mês de maio

Dia	Quantidade de peças	Título (Por ordem de apresentação)	Altura da apresentação	Temáticas	Face	Voz
1	-	-	-	-	-	-
2	-	-	-	-	-	-
3	-	-	-	-		

4	3	-Guerra na Ucrânia -Suspeita de Hepatite aguda atípica em Portugal -Hepatite aguda atípica (última hora)	Primeira Parte	Guerra e Saúde	-	-
5	1	-Hepatite aguda atípica em crianças	Segunda Parte	Saúde	-	-
6	2	-Morte de criança em moimenta da beira -Hepatite aguda atípica em crianças	Segunda Parte	Saúde	-	-
7	2	-Retirada de civis de Mariupol -Hepatite aguda atípica em crianças	Primeira Parte	Guerra e Saúde	-	-
8	-	-	-	-	-	-
9	1	-Hepatite aguda atípica em crianças	Segunda Parte	Saúde	-	-
10	2	Hepatite aguda atípica em crianças -Abusos sexuais na igreja católica	Primeira Parte	Abuso sexual e Saúde	-	-
11	-	-	-	-	-	-
12	-	-	-	-	-	-
13	-	-	-	-	-	-
14	-	-	-	-	-	-
15	-	-	-	-	-	-
16	1	-Ansiedade e stress na comunidade escolar (alunos e professores produzem livro sobre sentimentos, medos e sonhos)	Segunda Parte	Saúde	X	-

17	3	-Guerra na Ucrânia (já morreram 239 crianças) -Ama detida por alegados maus-tratos -Hepatite aguda atípica em crianças	Primeira e Segunda Parte	Guerra, Violência doméstica e Saúde	X	-
18	4	-Hepatite aguda atípica em crianças -Semana da agricultura nas escolas -Alunos realizadores -Dia internacional dos museus	Segunda Parte	Saúde e Educação	X	X
19	3	-Integração de alunos ucranianos -Encerramento de infantário em podendo -Corrente do oceano	Segunda Parte	Educação	X	-
20	1	-Greve da função pública (paralisação afetou sobretudo escolas)	Primeira Parte	Educação	X	-
21	-	-	-	-	-	-
22	-	-	-	-	-	-
23	1	-Vacinação de crianças contra Covid-19	Primeira Parte	Saúde	X	-
24	3	-Saúde mental nas escolas -Casas pouco saudáveis para crianças -baleados na estação de Queluz-Belas (2 jovens atingidos não	Primeira Parte	Saúde e conflitos sociais	X	-

		correm perigo de vida)				
25	4	-Massacre em escola primária no Texas (jovem mata 19 crianças) -Controlo de armas EUA -Massacre em escola primária no Texas -Provas de aferição em formato digital	Primeira e Segunda Parte	Massacre Texas e Educação	X	-
26	2	- Criminalidade em Portugal (aumentou a criminalidade com gangues e jovens) -Despejos no Bairro Padre Cruz (mulheres solteiras e bebés desalojados)	Segunda Parte	Criminalidade e Despejos	X	-
27	1	-Massacre em escola primária no Texas	Segunda Parte	Massacre Texas	-	-
28	-	-	-	-	-	-
29	-	-	-	-	-	-
30	3	-Massacre na escola primária no Texas -Família desalojado em Ermesinde (família com 3 crianças e uma delas é autista) -Refugiados ucranianos a estudar em Faro	Primeira e Segunda Parte	Massacre Texas, Desalojados e Educação	X	X

31	3	-Sucesso escolar dos alunos carenciados -Ajuda a criança com espinha bífida -Parlamento dos jovens	Primeira e Segunda Parte	Educação e Saúde	X	X
-----------	---	--	--------------------------	------------------	---	---

Anexo 5 - Grelha de análise de conteúdos do Primeiro Jornal do mês de junho

Dia	Quantidade de peças	Título (Por ordem de apresentação)	Altura da apresentação	Temáticas	Face	Voz
1	6	-Refeições escolares mais caras -Hepatite aguda atípica em crianças -Refeições servidas nas escolas -Bombeiro por um dia na Covilhã -Corrida de carrinhos de rolamentos -O mistério do mundo do riso dos bebés	Primeira e Segunda Parte	Dia Mundial da criança, Educação e Saúde	X	X
2	2	-Refeições escolares mais caras -Abuso sexual de menores na Europa (uma em cada 5 crianças é vítima de violência sexual)	Primeira e Segunda Parte	Educação e Violência Sexual	-	-

3	1	-Dia da criança em Santa Maria da Feira	Segunda Parte	Educação	X	X
4	1	-Festa do livro de Belém	Segunda Parte	Educação	X	-
5	-	-	-	-	-	-
6	4	- Criminalidade juvenil em portugal (foram detidos 832 jovens, PSP deteve 29 menores de 16 anos no ano passado) -Explicações com mais procura (alunos do secundário procuram apoio fora da escola) -Concurso de soletrar nos EUA (vencedora tem 14 anos e é do estado do Texas) -Diário de criança retirada de Mariupol	Segunda Parte	Criminalidade e Educação	X	X
7	-	-	-	-	-	-
8	-	-	-	-	-	-
9	-	-	-	-	-	-
10	-	-	-	-	-	-
11	1	-Casa do barro do fundão	Segunda Parte	Educação	X	X
12	-	-	-	-	-	-
13	-	-	-	-	-	-
14	-	-	-	-	-	-
15	1	-Redução de pena por abuso sexual	Segunda Parte	Violência Sexual	-	-
16	-	-	-	-	-	-
17	-	-	-	-	-	-
18	-	-	-	-	-	-

19	-	-	-	-	-	-
20	-	-	-	-	-	-
21	-	-	-	-	-	-
22	7	-Morte de criança em Setúbal -Morte de criança em Setúbal -Exames nacionais -Morte da criança em Setúbal -Caso de violação no Brasil -Campos de férias inclusivos -Daltonismo nas escolas	Abertura do Jornal	Caso Jéssica- morte de criança Setúbal	X	-
23	6	-Morte de criança em Setúbal X5 -Fome em África (350 mil crianças podem morrer de fome na Somália)	Abertura do Jornal	Caso Jéssica e Fome em África	X	-
24	3	-Morte de criança em Setúbal -Morte de criança em Setúbal -Caso violação Brasil	Abertura do Jornal	Caso Jéssica e Violência Sexual	X	X
25	-	-	-	-	-	-
26	-	-	-	-	-	-
27	2	-Morte de criança em Setúbal -Cortes na educação especial	Abertura e segunda parte do Jornal	Caso Jéssica e Educação	X	-
28	1	-Crianças da Guerra	Primeira Parte	Guerra	X	X

29	1	-Criança que estava desaparecida é encontrada em esgoto	Segunda Parte	Criança desaparecida	-	-
30	1	-Exame de Matemática 12º ano	Segunda Parte	Educação	-	-
31	-	-	-	-	-	-

Anexo 6 – Entrevistas

Entrevista nº1 – Diogo Martins – jornalista SIC

Porque só dão voz às crianças de classe media alta?

É difícil trabalhar o tema crianças quando falamos de televisão. Sempre que precisamos de entrevistar menores temos de ter obrigatoriamente autorização do encarregado de educação.

Quando, para uma reportagem, precisamos de recolher a opinião de crianças - por exemplo no arranque de um ano letivo, no fim dos exames nacionais, etc. - temos de combinar previamente com uma escola. É preciso pedir autorização à direção e depois, individualmente, a cada encarregado de educação.

É raro entrevistarmos crianças fora do contexto escolar. Pode acontecer, por exemplo, num ambiente de festa (passagem de ano, natal, num evento desportivo, etc).

Uma vez que o contexto em que fazemos as entrevistas acaba por ser demasiado controlado - não por nós jornalistas, mas pelas escolas - temos de nos sujeitar primeiro às escolas que nos querem receber e, segundo, ao que as escolas nos disponibilizam.

Em todo o caso, não concordo com o facto de só darmos voz a crianças de classe media alta. Aliás, não temos sequer isso em consideração no momento da reportagem.

Estão a tentar proteger de alguma maneira as crianças de classes mais baixas?

Protegemos sempre as crianças. Quer seja de classes media, alta ou baixa. Por essa razão é que raramente entrevistamos, apenas nos contextos que já expliquei.

Se se tratar de um assunto delicado - abusos sexuais, agressões, violência doméstica, homicídio, etc - nunca identificamos o menor, independentemente do estrato social.

Consideras que as notícias com crianças como personagens principais têm prioridade perante outros assuntos?

Normalmente quando as notícias com crianças têm prioridade num alinhamento é porque aconteceu uma tragédia - bebés encontrados no lixo, crianças atacadas por cães, maus tratos numa creche ou em contexto familiar.

É difícil dizer que têm prioridade porque depende sempre das notícias do dia e do que cada coordenador considera mais relevante.

O que posso dizer é que não considero a SIC sensacionalista ao ponto de utilizar um tema que envolve crianças para captar a atenção do telespectador.

Como jornalista há alguma coisa em que peças ao repórter de imagem para não mostrar, a nível de presença de menores na tua peça.

Caso se trate de um caso delicado, como já expliquei, raramente identificamos a criança. A não ser que esteja desaparecida e que as próprias autoridades peçam à comunicação social para divulgar a imagem do menor.

Se estiver a trabalhar na rua e precisar de imagens alerta sempre o RI para não filmar caras de crianças porque não temos autorização do encarregado de educação.

Há alguma regra quanto a mostrar e/ou identificar crianças em peças cujo tema não tem a ver com as mesmas? Por exemplo colocar um bebé ao colo da mãe quando ela é entrevistada só para acrescentar dramático à imagem.

Em televisão cada imagem deve ter um significado relacionado com o trabalho que se está a mostrar. Se uma criança aparece ao colo de uma mãe é porque o tema da reportagem envolve a criança. Não se coloca uma criança num plano só para dar dramatismo, até porque se isso acontecer e se não estiver relacionado com o tema acaba por desviar a atenção do que realmente é importante. A única regra que existe quanto ao tema crianças é a proibição de as identificar sem autorização. O resto é bom senso.

Entrevista nº2 – Marta Sobral – Jornalista SIC

Porque só dão voz às crianças de classe media alta?

A realização de peças ou direto dentro das escolas está dependente da autorização das mesmas assim como a permissão para que as crianças falem está dependente da autorização dos seus pais/ encarregados de educação. Por isso, não há uma ligação para as peças serem com crianças de classes diferentes ou da mesma. Por vezes o que acontece é que acabamos por recorrer sempre às mesmas escolas por serem as únicas a permitirem-nos filmar lá dentro.

Estão a tentar proteger de alguma maneira as crianças de classes mais baixas?

Em todas as escolas tentamos ao máximo não mostrar as crianças a não ser que seja permitido pelos pais e diretores da escola. Por serem crianças tentamos ter sempre esse cuidado. Só filmar em caso de necessidade sobretudo se forem os mais pequeninos, mas a nossa proteção não tem a ver com a classe a que essas crianças pertencem.

Consideras que as notícias com crianças como personagens principais têm prioridade perante outros assuntos?

A educação é um assunto de enorme interesse e, se for uma médica ou um acontecimento que marca a atualidade, obviamente que terá destaque em relação a outros. Mas apenas nestas situações. O critério editorial começa sempre por perceber se é o facto da atualidade ou não. Mas por norma, há sempre uma parte dos jornais dedicados a temas relacionados com educação.

Como jornalista há alguma coisa em que peças ao repórter de imagem para não mostrar, a nível de presença de menores na tua peça.

Por norma, os repórteres de imagem perguntam sempre se temos autorização para filmarmos as crianças ou não. E se a resposta for negativa, têm sempre sensibilidade para os filmar mais ao longe.

Há alguma regra quanto a mostrar e/ou identificar crianças em peças cujo tema não tem a ver com as mesmas? Por exemplo colocar um bebé ao colo da mãe quando ela é entrevistada só para acrescentar dramático à imagem.

Se aquela Mãe ou bebé não correspondem à história que estamos a contar não faz sentido nenhum fazê-lo. Agora, já considero normal se estivermos a falar de urgências de obstetrícia e colocamos um pezinho de bebé numa enfermaria. Muitas vezes essas imagens que não identificam “pessoas”

são usadas para arquivo assim como portões de escolas, alunos a percorrer corredores, etc. São úteis para situações gerais em que, por algum motivo, não pudemos fazer imagens e sabemos que temos um recurso.